

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

CURSO DE HISTÓRIA

CADERNO DE RESUMOS

III SEMANA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ - UFJ / 60 ANOS DO GOLPE MILITAR

ISBN:

Jataí 11 a 14 de novembro de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

Reitora: Cristiano Peres Colho
Vice-Reitora: Alana Flávia Romani
Pró-reitora de Graduação: Sandra Aparecida Benite Ribeiro
Pró-reitor de Administração e Finanças: Marcos Wagner de Souza Ribeiro
Pró-reitora de Pós-graduação: Maria José Rodrigues
Pró-reitora de Gestão de Pessoas: Graziele Alves Amaral
Pró-reitor de Planejamento: Danival Vieira de Freitas
Pró-reitora de Extensão, Cultura e Esporte: Erin Caperuto de Almeida
Pró-reitora de Assuntos Estudantis: Eva Aparecida de Oliveira
Pró-reitora de Pesquisa e Inovação: Núbia de Souza lobato
Diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras: Murilo Borges Silva
Coordenador do Curso de História: Éder Mendes de Paula

COMISSÃO ORGANIZADORA

Débora Costa Martins
Débora Dayane de Oliveira Rosa
Éder Mendes de Paula
Fernanda Lima de Souza
Marcos Antonio de Menezes
Michael Douglas dos Santos
Murilo Borges Silva
Murilo Gonçalves dos Santos
Nicolas Jesus Severino Rezende
Raick de Jesus Souza
Raimundo Agnelo Pessoa
Renata Cristina do Nascimento
Sandra Nara Novais
Thiago de Araujo Folador

COMITÊ CIENTÍFICO

Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes
Dr. Éder Mendes de Paula
Dr. Joel Victor Reis Lisboa
Dr. Marcelo Borges Henriques
Dr. Marcos Antonio de Menezes
Dr. Murilo Borges Silva
Dr. Murilo Gonçalves dos Santos
Dr. Peterson José de Oliveira
Dr. Raick de Jesus Souza
Dr. Raimundo Agnelo Pessoa
Dr. Thiago de Araujo Folador
Drª. Ana Maria Colling
Dra. Maria Cristina Cardoso Pereira
Dra. Natasha Vicente da Silveira Costa
Dra. Renata Cristina do Nascimento
Dra. Sabrina Costa Braga
Dra. Sandra Nara Novais

MONITORES

Alanis Gomes Ferreira dos Santos
Tailine Souza Diniz Alves
Miguel Souto Maior

APRESENTAÇÃO

A III Semana de História da Universidade Federal de Jataí, visa dar continuidade ao projeto iniciado no ano de 2019 e interrompido pela pandemia da Covid-19. O evento tem como objetivo colocar em discussão os meandros da Ditadura Militar brasileira, destacando os 60 anos do golpe militar. As discussões propostas procuram evidenciar os aspectos antidemocráticos, as diferentes formas de se praticar a violência com a população, a participação de diferentes sujeitos nestes processos e contribuir com um debate mais amplo sobre os direitos humanos no Brasil e na América Latina. Somos o único curso de História em um raio de 300 km, o que nos torna um centro essencial para debates e análises sobre temas históricos, podendo incentivar a participação da comunidade nestas reflexões. É fundamental debater e refletir sobre o tema, considerando o impacto significativo que o período teve sobre a história do país. Ademais, o golpe militar deixou traumas, cicatrizes e violações ainda não resolvidas na atualidade, requerendo ações de reparação e de compromisso com a democracia, os direitos humanos e a justiça. A III Semana de História propõe envolver os discentes da graduação e egressos do Curso de História da UFJ não apenas como ouvintes, mas convidando-os a participar da organização do evento. Oportunizando uma maior integração entre o curso e a comunidade, dada a potencialidade das atividades do evento de levar às pessoas fora dos muros da universidade às discussões e reflexões pertinentes ao tema. Assim, entende-se que a distância entre o Ensino Superior e a Educação Básica precisa ser superada, sobretudo nos cursos de licenciatura, portanto, o formato estabelecido com oficinas, minicursos e uma palestra acontecendo em uma escola pública não apenas inova, como aponta para a possibilidade de uma comunicação científica mais eficaz, dinâmica e plural, construindo terreno para o desenvolvimento não apenas do pensar crítico, mas também científico, uma vez que se propõe a levar o evento a outros espaços que muitas vezes não conseguem estar na universidade.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Semana de História da Universidade Federal de Jataí - UFJ (3.: 2024: Jataí, GO)

III. Semana de História da Universidade Federal de Jataí - UFJ [livro eletrônico]: 60 anos do golpe militar / organizadores Marco Antonio de Menezes, Raick de Jesus Souza. -- 1. ed. --

Jataí, GO: Ed. dos Autores, 2024.

HTML

Vários autores. Vários colaboradores.
Bibliografia.

ISBN 978-65-01-23658-2

1. Brasil - Ditaduras 2. Ditadura militar

24-239832 CDD-320.98108

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil: Ditadura militar, 1964-1984: História política 320.98108

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Diagramador
Felipe de Jesus Silva
Aluno de graduação do Curso de História da Universidade Federal de Jataí – UFJ

Projeto Gráfico
Débora Costa Martins
Aluna de graduação do Curso de História da Universidade Federal de Jataí – UFJ

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO 09

ST1. HISTÓRIA DA SAÚDE E DAS DOENÇAS: DINÂMICAS HISTÓRICAS DAS PRÁTICAS E DO CONHECIMENTO.
COORDENADOR: **MESTRANDO JOÃO VITOR LEAL LOBATO. 10**

CRIME E LOUCURA NA IMPRENSA ONLINE: O CASO ADMAR DE JESUS DA SILVA.
Diogo David de Paiva **10**

O ENCONTRO COM AS FONTES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO ESPÍRITA EM JATAÍ – GO (1970-1980)
Fernanda Miranda Oliveira Souza **12**

A CIDADE DE UM SANATÓRIO: APONTAMENTOS DE PESQUISAS SOBRE O HOSPÍCIO DE CATURAÍ
Miguel Souto Maior **13**

HISTÓRIA, MEMÓRIA SOCIAL E SABERES BIOMÉDICOS SOBRE O ALCOOLISMO (1870-1909)
Raick de Jesus Souza **14**

ST2. HISTÓRIA, NARRATIVAS E LINGUAGENS
COORDENADOR PROF. **MS. DRÁULIO CARVALHO ASSIS 19**

ÀS ARMAS, OS VERSOS: UMA ANÁLISE DE CARLOS MARIGHELLA ATRAVÉS DA POESIA RONDÓ DA LIBERDADE
Alanis Gomes Ferreira dos Santos **19**

TÍTULO QUILOMBO CEDRO MINEIROS/GO: PERTENCIMENTO, IDENTIDADE, RESISTÊNCIA, A LUTA CONTÍNUA PELA PRESERVAÇÃO DESSA HERANÇA
Fernanda Lima De Souza & Pedro Barbosa **24**

PERSONAGENS, AS CONSTRUÇÕES E OS MILITARES: A DITADURA CIVIL-MILITAR EM PIRANHAS-GO
Henrique Guimarães Silva **26**

O ENSINO DE ARTES NO MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO NO SÉCULO XXI (2020-2024)
Igor Eduardo Anacleto **30**

A DITADURA CIVIL-MILITAR NAS MEMÓRIAS DA POESIA MARGINAL
Laínny Chaves Oliveira **34**

A HISTÓRIA DA MODA E SUA UTILIZAÇÃO COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL
Lucas Alcantara Lima **39**

O ECO DE CLIO: NARRATIVAS, IMAGENS E A CONSTRUÇÃO DO PASSADO
Marcos Antonio de Menezes **44**

RIO QUE JÁ NÃO É DOCE. O OLHAR DECOLONIAL DE AILTON KRENAK ÀS MARGENS DA LAMA.
Nicolas Jesus Severino de Resende;
Draulio Carvalho de Asis **50**

PROPAGANDA, CONSUMO E ART POP NA OBRA DE ANDY WARHOL
Priscila Gabriela Theodoro **52**

A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS EM GOIÁS NO SÉCULO XIX, NAS NARRATIVAS DE JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Rodrigo Ferreira **56**

COSTURANDO MEMÓRIAS: MODA E RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM ZUZU ANGEL (1970-1976)
Thaylla Romarya Bronholo Silva **57**

HISTÓRIA DO NAZI-EXPLOITATION: MEMÓRIA E ASSIMILAÇÃO DA EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA NO CINEMA DE GÊNERO
Yuri Alves Oliveira **58**

ST3. INSTITUIÇÕES ESCOLARES, MATERIAIS DIDÁTICOS, ENSINO DE HISTÓRIA: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES
Coordenadoras: **DRA. SANDRA NARA NOVAIS** & **MESTRANDA LARISSA BARTH.....61**

CAMINHOS PARA EMACIPAÇÃO EM GOIÁS: O JORNAL "A TRIBUNA LIVRE" E OS DEBATES SOBRE A ABOLIÃO DA ESCRAVIDÃO
Ana Paula Silvino **61**

ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E LIVROS DIDÁTICOS
Crisnamurte Alves & Suely Moreira Borges Calafiori **62**

O LUGAR DA POPULAÇÃO NEGRA NA BNCC E NO DOCUMENTO CURRICULAR PARA GOIÁS: CONCEPÇÕES, PROPOSTAS E SILENCIAMENTOS
Débora Costa Martins & Murilo Borges Silva **63**

SEQUÊNCIA DIDÁTICA ATO INSTITUCIONAL Nº5 E A POESIA DE CACASO
Laínny Chaves Oliveira **69**

ST4. DA VIRGEM MARIA À BRUXA: AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA SOCIEDADE
COORDENADORA: **MESTRANDA BÁRBARA ALVES SIQUEIRA. ...71**

ENTRE DEUSAS E MORTAIS: A MATERNIDADE NA CULTURA EGÍPCIA
Alanna Vanessa Mendes Moreira **71**

"TRISTE, LOUCA OU MÁ": O DISCURSO SOBRE A HISTERIA EM "GYNAIKEIA" (SÉC. II D.C.) E "LA DONNA DELINQUENTE: LA PROSTITUTA E LA DONNA NORMALE" (SÉC. XIX)
Luisa Amado Monteiro **72**

ST5. - A TRADIÇÃO INVENTADA E O IMAGINÁRIO SOCIAL NA ANTIGUIDADE E NO MEDIEVO
COORDENADORES **DOUTORANDA TAÍS NATHANNY PEREIRA DA SILVA, MESTRANDO JOÃO VICTOR BERNARDES** & **MESTRANDO WEMERSON ROMUALDO 73**

LA PEREGRINACIÓN DE CARLOGMANO: IMAGINÁRIO E NARRARIVA
Ana Caroline de Abreu Santana **73**

MISTÉRIOS DE ELEUSIS E A METAFÍSICA DA REALIDADE: UMA ANÁLISE INTEGRATIVA SOB AS PERSPECTIVAS DO IDEALISMO DE PLATÃO E BERKELEY, E O REALISMO DE ARISTÓTELES.
Ana Lina Rodrigues de Carvalho **74**

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA FIGURA DE OLGA DE KIEV (NARRATIVA DOS ANOS PASSADOS S. XI-XII)
Anna Beatriz Oliveira Castro **75**

A SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO E A CATEDRAL DIVINO ESPÍRITO SANTO EM JATAÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA
Débora Dayanne de Oliveira Rosa **77**

A IDEALIZAÇÃO EM TORNO DA IMAGEM DE ELIZABETH I (1533-1603) NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS (SÉC. XVI)
Gleyce Hellen Ribeiro Maia **78**

MITOPOÉTICA DE HESÍODO E A FUNÇÃO DOS PSICOPOMPOS
Jaqueline Da Silva **79**

VIVÊNCIAS DA INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA
Larissa Lacé Sousa **80**

A ARTE SACRA BRASILEIRA DE CLÁUDIO PASTRO
Luiz Ricardo Bueno Pinheiro **81**

A NARRATIVA ACERCA DA CIDADE DE GOIÁS NO DOSSIÊ "*PROPOSIÇÃO DA CIDADE DE GOIÁS NA LISTA DO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE*"
Pollyana Custódia Ferreira Santos **82**

ENTRE FÉ E HISTÓRIA: A IMAGEM DE UM SANTO E SUA INFLUÊNCIA NO INTERIOR DO BRASIL

Suely Moreira Borges Calafiori & Crisnamurte Alves Carneiro **85**

HAGIOGRAFIA HISPÂNICA MEDIEVAL: O LIBRO DE LOS MILAGROS DE SAN ISIDORO POR LUCAS DE TUY
Yasmin Barreto de Souza Fernandes **87**

IMAGINÁRIO E SIMBOLISMO ACERCA DO MILAGRE DA LANÇA SAGRADA DURANTE A PRIMEIRA CRUZADA
Yasmin Oliveira Santos **93**



PROGRAMAÇÂO DA III SEMANA DE HISTÓRIA - UFJ

DATA	LOCAL
11 /11	**Sala 11 Ca2** **14h** - Minicurso: O que é e como funciona a iniciação científica **- Dr. Marcelo Borges Henriques** **Biblioteca Flor do Cerrado** **19h –** Apresentação da peça Medeia com o grupo teatral Art'Cum Pequi
12/11	**Sala 14 Ca2** **14h –** Minicurso: O ofício do historiador: o uso de fontes históricas - **Dr. Éder Mendes de Paula.** **Sala 26 CHL** **14h** - Minicurso: Produção e divulgação científica - **Dr. Raick de Jesus Souza.** **Auditório da pós-graduação** **19 h –** Apresentação do Coral da UFJ **20h –** Conferência de abertura: 60 anos do golpe militar: uma análise crítica sobre gênero e Direitos Humanos - **Dra. Ana Maria Colling.**
13/11	**Sala 03 Ca2** **14h** - Minicurso: Produção de textos acadêmicos: artigos, fichamentos e resenhas - **Dr. Joel Victor Reis Lisboa** & **Dra. Natasha Vicente da Silveira Costa.** **Sala 07 Ca2** **14h** - Minicurso: Leitura de imagens na aula de História: entre teorias e utopias - **Dr. Peterson José de Oliveira.** **Sala 26 CHL** **14h –** Minicurso: A participação dos movimentos sociais de mulheres e de pessoas com deficiência na construção da Constituição Federal **– Mestranda Laura Aparecida de Lima Costa** & **Laínny Chaves Oliveira.** **Auditório maior** **19h** - Mesa Redonda: Pauta moral e censura de costumes: a construção do "inimigo interno" na Ditadura militar (1964-1968 - **Dra. Maria Cristina Cardoso Pereira.** Memória multidirecional: o Holocausto e a Ditadura militar em K. Relato de uma busca e O irmão alemão - **Dra. Sabrina Costa Braga.**
14/11	**Sala 05 Ca2** **14h** - Simpósio Temático I - História da Saúde e das Doenças: dinâmicas históricas das práticas e do conhecimento - **Mestrando João Vitor Leal Lobato.** **Sala 07 Ca2** **14h** - Simpósio Temático III - Instituições escolares, materiais didáticos, ensino de História: limites, desafios e possibilidades **Dra. Sandra Nara Novais** & **Mestranda Larissa Barth.** **Sala 03 CHL** **14h** - Simpósio Temático IV - Da Virgem Maria à bruxa: as representações das mulheres na sociedade. **Mestranda Bárbara Alves Siqueira.** **Sala 04 CHL** **14h** - Simpósio Temático II - História, narrativas e linguagens - **Prof. Ms. Dráulio Carvalho Assis,** **Sala 26 CHL** **14h** - Simpósio Temático V - A tradição inventada e o imaginário social na Antiguidade e no Medievo. **Doutoranda Taís Nathanny Pereira da Silva, Mestrando João Victor Bernardes** & **Mestrando Wemerson Romualdo** **Auditório maior** **19h –** Apresentação de Música de violão **20h** - Conferência de Encerramento: Anatomia da repressão: reflexões sobre a ditadura militar no Sul de Mato Grosso - **Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes.** **21h –** Coquetel de encerramento.



ST1. História da Saúde e das Doenças: dinâmicas históricas das práticas e do conhecimento
Coordenador: **Mestrando João Vitor Leal Lobato.**

CRIME E LOUCURA NA IMPRENSA ONLINE: O CASO ADMAR DE JESUS DA SILVA

Diogo David de Paiva*

Resumo Simples:

Entre o final de 2009 e o início de 2010, a cidade de Luziânia, localizada no estado de Goiás, ganhou destaque na mídia nacional devido a uma série de assassinatos que abalaram profundamente a comunidade local e chamaram atenção de todo o país. Esses crimes, que vitimaram jovens do sexo masculino entre 14 e 19 anos, foram amplamente divulgados pela imprensa, que acompanhava cada nova descoberta das investigações. Com o decorrer das apurações, foi revelada a identidade do autor dos homicídios: Admar J. da Silva, cuja trajetória apresentava particularidades que chamaram atenção da opinião pública, pois ele era um paciente jurídico que havia passado por tratamento no Programa de Atenção Integral ao Louco Infrator (PAILI), um sistema de atenção especializado para pessoas com transtornos psiquiátricos e histórico criminal. Esse fato provocou debates em diversas esferas sobre a condição peculiar dos chamados “loucos infratores”, indivíduos que se situam em um limiar complexo entre as categorias de doença mental e criminalidade. A partir desse contexto, esta pesquisa propõe-se a investigar como a figura do louco infrator foi representada no cenário goiano, tomando como base o emblemático caso de Admar, conhecido como o assassino de meninos de Luziânia. O estudo baseia-se em uma análise detalhada de 15 matérias jornalísticas que cobriram o caso e explora a forma como os discursos midiáticos construíram uma lógica própria ao narrar e interpretar as ações e a identidade de Admar. Goiás, um estado que, historicamente, invisibilizou questões ligadas à saúde mental associada ao crime, é revelado nesse estudo como um espaço onde essa categoria de indivíduo é, frequentemente, reduzida a posições limitadas de criminoso ou doente, deslocado ao presídio ou hospital psiquiátrico. Essa dualidade simplista desconsidera a complexidade que envolve a condição de um louco infrator, cuja

* Graduando do curso de licenciatura em História da UFJ. diogo21.paiva@gmail.com



trajetória demanda um olhar mais abrangente. Nesse sentido, a pesquisa também contextualiza a discussão com a contribuição social do PAILI, refletindo sobre a importância da reforma psiquiátrica e seus impactos no cenário. Dessa análise, emergem rupturas e permanências que não apenas desafiam a atuação do PAILI como também evidenciam um imaginário social resistente, que tende a associar o louco infrator à reclusão e à periculosidade, deixando de lado a multiplicidade de aspectos que envolvem essa problemática.

Palavras-chave: Crime, Loucura, Goiás, Imprensa



O ENCONTRO COM AS FONTES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO ESPÍRITA EM JATAÍ — GO (1970-1980)

Fernanda Miranda Oliveira Souza

Resumo Simples:

O presente estudo tem a proposta de apresentar os apontamentos da pesquisa sobre análise e catalogação das fichas do Hospital Psiquiátrico Espírita Antônio Paulo Cançado. A instituição foi fundada em 1952 como Sociedade de Beneficência, em 1967 inaugurado como Hospital Psiquiátrico em parceria com a comunidade espírita local. Através dos prontuários hospitalares busco compreender a relação entre a caridade espírita e a ciência, a função social dos hospitais de caridade, abordagem da saúde mental em Jataí-GO, tendo em vista que esse tipo de instituição já era comum entre os anos de 1930 e 1960. A pesquisa utiliza os documentos hospitalares que estão catalogados no Albergue da cidade em ordem alfabética. Autores como: Durval Muniz, Tatiana Bombarda, Regina Joaquim, João Vitor Leal, Éder Mendes e Michel Foucault, são os principais teóricos relacionados a esse estudo, com abordagens sobre fontes documentais, as dificuldades com as fontes hospitalares, contextualização sobre a fundação do hospital, espiritismo e religião no estado de Goiás e a história da loucura ao longo dos séculos. Para Foucault, a loucura é um fenômeno definido por contextos culturais e históricos, não apenas uma condição médica, destaca a relação de poder nas instituições psiquiátricas e prisões, que controlam os indivíduos considerados loucos e definem o "normal" e o "anormal". Durante o período colonial, o atendimento aos loucos era feito pela Santa Casa de Misericórdia. A primeira instituição especializada, o Hospício D. Pedro II, foi criada em 1841, permanecendo vinculada à Santa Casa até 1890. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa é qualitativa, fundamentada no pressuposto de que esse tipo de pesquisa atua como uma metáfora para o conhecimento e o poder, podendo perpetuar estereótipos e desigualdades (Christians, 2006). Trata-se de um trabalho que, conforme explica Albuquerque Jr. em seu livro O *Tecelão dos Tempos,* envolve "tecer a história", caracterizando-se como uma atividade minuciosa, realizada com cuidado, respeito e habilidade.



A CIDADE DE UM SANATÓRIO: APONTAMENTOS DE PESQUISAS SOBRE O HOSPÍCIO DE CATURAÍ

Miguel Souto Maior*

Resumo Simples:

Os sanatórios integram o cenário das cidades brasileiras institucionalmente desde o século XIX, com a inauguração do Hospital Pedro II no Rio de Janeiro. No entanto, o desenvolvimento e desdobramentos dessas instituições voltadas à saúde mental assumiu diferentes formas, conforme o contexto do tempo/local e, nesse sentido, temos a criação de nosocômios vinculados à prática de cura relacionadas ao espiritismo. No estado de Goiás, temos um número significativo dessas instituições, neste trabalho, as reflexões e pesquisas se concentram na cidade de Caturaí que tem sua origem no século XX, a partir da instalação de um centro e sanatório espírita. Este trabalho inicialmente contém apenas apontamentos de pesquisa ligadas a uma Iniciação Científica que teve início a poucos meses, esse trabalho então tem como foco observar as primeiras dinâmicas de internação, sendo através da análise das fichas e prontuários de entrada/saída dos pacientes. Sendo esse um primeiro passo para as novas investigações. Metodologicamente intenciona-se trabalhar com a análise de discurso, compreendendo que as fichas que registram a entrada e saída de pacientes, apesar de técnicas, contém intencionalidades em seu total. Entende-se que a análise do discurso proposta pela escola francesa hoje, carece de adequações de coloniais para pensar nossa realidade, o que se espera desenvolver ao longo da pesquisa. O trabalho vai buscar tratar como se deu a construção da cidade de Caturaí, desde sua fundação ao momento presente, entender também a relação d cidade com o espiritismo e suas influências. Algo também que vamos explorar aqui é como essas fichas podem nos possibilitar a entender as trajetórias do paciente que foram ocorrendo durante sua trajetória na instituição, vendo também como ela nos possibilitar criar uma identidade própria para cada paciente, sem um olhar que o coletiviza.

Palavras-chave: Caturaí, espiritismo, identidade, diferença, discurso, sanatório e paciente.

*Graduando em licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí, miguel.maior@discente.ufj.edu.br.



HISTÓRIA, MEMÓRIA SOCIAL E SABERES BIOMÉDICOS SOBRE O ALCOOLISMO (1870-1909)

Raick de Jesus Souza*

Resumo Expandido:

Introdução

Ao longo do século XIX, em diversas regiões do globo, o alcoolismo passou a ser encarado socialmente, em especial, pelos agentes públicos e médicos, como sendo uma "doença", cujos impactos sociais afetavam diversas esferas da vida humana. Neste estudo analisamos a historicidade do combate ao alcoolismo, especificamente, no campo das Ciências Biomédicas, tomando como base as discussões que circulavam na imprensa periódica brasileira entre os anos de 1870 e 1909.

Ressaltamos que as discussões traçadas aqui resultam de uma pesquisa científica mais ampla, desenvolvida entre os anos de 2020 e 2024 no curso de Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade/PPGMLS, da Universidade Estadual da Bahia, que resultou na tese, intitulada **Memórias e Representações Sociais sobre alcoolismo no jornalismo médico e religioso brasileiro (1870-1909)**. Portanto, a natureza desta preleção é qualitativa, produzida a partir da operacionalizado de conceitos fundamentais da Sociologia (Memória Social) e da Psicologia Social (Representações Sociais).

Ademais, os documentos analisados são de naturezas distintas: as teses médicas publicadas entre os anos de 70 do Oitocentos e 1909, defendidas nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro; os jornais médicos de circulação nacional; e, por fim, mas não menos importante, o conjunto legal que orientava o controle, tratamento e penalização dos sujeitos alcoolistas.

Consideramos ser esta uma investigação relevante ao campo da História das Ciências e da Saúde, uma vez que correlaciona um fenômeno social (alcoolismo) aos condicionantes sociais (econômico, político, social e cultural) do Brasil, durante a

* Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pelo PPGMLS/UESB; Mestre em História das Ciências e da Saúde pela COC/FIOCRUZ; Graduado em História pela UESB. Raick.souza.ba@gmail.com.



passagem dos séculos XIX ao XX; além disso, este estudo traz uma análise histórico-crítica sobre a circulação de ideias, valores e práticas terapêuticas entre os médicos brasileiros e estrangeiros.

Discussões e resultados

Dentre os procedimentos teórico-metodológicos utilizados, realizamos a triangulação dos dados coligidos nas teses, jornais e códigos jurídicos. A ideia foi realizarmos uma leitura comparada e a contrapelo (Benjamin, 1985; Löwy, 2011), tendo como arcabouço conceitual as noções de ancoragem e objetivação, oriundas da Teoria das Representações Sociais, formulada por Serge Moscovici ([2000] 2015); e, o conceito de quadros sociais da memória, proposto por Maurice Halbwachs ([1925] 2004; [1950] 1990). Logo, esta pesquisa é fundamentada na perspectiva interdisciplinar, pois parte do campo da História e dialoga diretamente com outras áreas do saber científico, a exemplo do Direito, Medicina, Farmácia, Sociologia e Psicologia.

No tocante ao alcoolismo, as primeiras referências ao termo apareceram na literatura científica estadunidense, no trabalho **Inquiry into effects spirits upon the human body and mind**, trazido à baila em 1785 por Benjamin Rush. Na ocasião, o alcoolismo foi perspectivado como sendo uma desordem mental, mais especificamente, uma monomania. Porém, foi a partir do estudo **Essay Medical Philosophical and Chemical on Drunkenness**, de autoria do médico britânico Thomas Troter, em 1804, que o conceito ganhou notoriedade entre a classe médica, sendo comumente tratado como uma "doença mental" (Souza; 2020).

No contexto social brasileiro, precisamente, na segunda metade do século XIX, o alcoolismo havia se tornado um dos principais problemas sociais, responsável por mobilizar diversos setores da sociedade em seu enfrentamento. No campo biomédico, localizamos aproximadamente duas dezenas de teses publicadas entre os anos de 1870 e 1909, sendo 14 delas da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) e quatro de sua congênere, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Esses números, todavia, representam apenas a amostragem dos trabalhos disponíveis digitalmente para consulta pública, sendo possível existir um número ainda maior de teses médicas sobre a temática.



Com base nos dados acima, percebemos o aumento das investigações científicas sobre as causas, terapêuticas e "cura" do alcoolismo. Entretanto, foi a partir da imprensa periódica que constatamos o peso da discussão pública acerca da temática, uma vez que apeamos, entre os anos de 1870 e 1909, expressivas 10.623 ocorrências do termo[1], em meio ao total de 181 jornais, dentre eles periódicos médicos de circulação nacional.

No que diz respeito às normas legais para controle e "erradicação" da "doença", notamos a inexistência de dispositivos específicos sobre o alcoolismo, todavia, os sujeitos alcoolistas eram enquadrados nas leis que versavam sobre a vadiagem, a mendicância e a desordem pública.

Acreditamos que, dentre as razões que explicariam o crescimento do número de debates públicos em torno do alcoolismo, encontravam-se fatores de diversas ordens: econômico (o aumento dos gastos públicos com tratamento, reclusão e internações), político (impactos sociais sobre a "raça brasileira", o projeto de branqueamento social e reestruturação produtiva) e cultural (racismo estrutural).

Assim sendo, não devemos perder de vista que, ao longo da segunda metade do século XIX, o Brasil experimentou uma série de transformações em sua estrutura política e social, especialmente com o fim da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889); com a chegada de um enorme contingente populacional oriundo da Europa e da Ásia, a fim de promover a modernização da produção nacional; além do aumento expressivo dos centros urbanos, sobretudo, os litorâneos. Houve também, na passagem do século XIX para o XX, o "florescimento" científico e intelectual, possibilitado pela expansão da imprensa nacional e das atividades de pesquisa e ensino desenvolvidas pelas instituições locais, muitas delas ligadas aos mais proeminentes centros de produção do saber, especialmente, os europeus. Foi precisamente nesse contexto que o alcoolismo se afirmou entre os médicos brasileiros como sendo um problema de ordem pública, que urgia medidas enérgicas por parte do Estado, seja ele monárquico ou republicano.

Soma-se a isso o fato de que, entre a passagem do século XIX ao XX, o alcoolismo era a principal causa de internações em hospitais e hospícios, além de ser uma das principais contravenções passíveis de encarceramento e extradição.

[1] O repositório digital pesquisado foi o banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



A saída encontrada, ou melhor, dentre as diversas proposições pensadas, estava a criação de medidas de leis que controlassem a produção, importação, venda e consumo das substâncias alcoólicas, medidas essas que não foram adotadas. Além disso, encontravam-se aqueles que defendiam a introdução de uma Educação Moral, a fim de se evitar o alastramento do "vício" alcoólico, sobretudo, entre os mais jovens, os trabalhadores urbanos e rurais, as mulheres e os estrangeiros recém-chegados.

Nota-se que, o crescimento do debate público, em especial, entre os médicos das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, estava orientado a partir de premissas biomédicas, religiosas e ideológicas.

Diante de todos os argumentos levantados e dos dados arrolados, emergiu um questionamento que orientou a referida análise, a saber: quais foram os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que explicariam o crescimento vertiginoso das teorias científicas acerca do alcoolismo?

As respostas para esse problema de investigação, seriam de que, o alcoolismo representou no imaginário social da população brasileira, em especial, da comunidade médica e dos agentes públicos, os estigmas sociais do passado que se queria superado, ademais, acreditava-se que o consumo excessivo das substâncias alcoólicas afetaria diretamente no futuro alvissareiro que se esperava a partir das diversas transformações sociais. Neste sentido, foi precisamente durante o fim da legalidade da escravidão e da introdução do trabalho livre, que o alcoolismo despontou nas agendas de pesquisas, ampliando-se, inclusive, o alcance das teorias biomédicas que eram formuladas nas instituições de ensino superior, cujas matrizes teóricas advinham dos países ditos desenvolvidos – leia-se industrializados.

Considerações finais

Ao cabo desta investigação, constatamos que o debate público em torno do alcoolismo no Brasil, precisamente, na passagem do Oitocentos para o século XX, esteve orientado a partir de valores morais, ideologias econômicas liberais e pelos pressupostos eugênicos que circulavam entre a comunidade médica local. Portanto, os saberes em torno da "doença" qualificavam os sujeitos alcoolistas enquanto indesejáveis ao futuro da



nação, potencialmente perigosos, loucos, degenerados e passíveis de serem isolados do convívio social – seja a partir da hospitalização e/ou encarceramento.

Referências

Benjamin, Walter. Sobre o conceito de História. In.: Benjamin, W. **Obras escolhidas**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Halbwachs, Maurice. (1950). **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

Halbwachs, Maurice. (1925). **Los marcos Sociales de la memoria**. Caracas: Editoria da Universidade Central da Venezuela, 2004.

Löwy, Michael. "A contrapelo": a concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 25/26, p. 20-28, 2011.

Moscovi, Serge. (2000). Representações Sociais: investigação em Psicologia Social. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

Souza, Raick de Jesus. A construção do alcoolismo enquanto um problema de saúde pública no Brasil (séc. XIX e XX). In.: **Anais do XIII Encontro Estadual de História da Anpuh PE**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2020.



ST2. História, narrativas e linguagens
Coordenador Prof. **Ms. Dráulio Carvalho Assis.**

ÀS ARMAS, OS VERSOS: UMA ANÁLISE DE CARLOS MARIGHELLA ATRAVÉS DA POESIA RONDÓ DA LIBERDADE

Alanis Gomes Ferreira dos Santos*

Resumo Expandido:

Introdução

Este resumo expandido tem como objetivo analisar aspectos em torno de Carlos Marighella, a atuação como guerrilheiro contra a ditadura civil-militar, estando na linha de frente e sendo um dos principais líderes da Ação Libertária Nacional (ALN), sua trajetória de vida, nascido filho de pai italiano e mãe descendente de escravizados, pôr fim a culminância de sua morte em 1969, mediante emboscada de militares coordenados por Sérgio Paranhos Fleur. Bem como suas obras literárias reunidas no livro "Rondó da Liberdade", no qual será objeto especificamente sua poesia de título análogo. Estando na contramão do imaginário do "comunista", "perigoso guerrilheiro", "terrorista", até mesmo o "inimigo número um da ditadura", expondo através da poesia as dores e lutas do regime.

Carlos Marighella, de nascimento datado em 5 de dezembro de 1911, na localidade de Salvador (BA). Desde cedo despertou olhares por sua natureza e sagacidade, o primeiro filho do casal Augusto Marighella e Maria Rita dos Santos. Sendo seu pai um imigrante italiano que por ofício era ferreiro e sua mãe descendente de escravizados africanos. Em sua época ginasial, já expunha sua percepção acerca da realidade, tendo apresentado um poema, com maestria ímpar, como resposta em uma prova de física sobre óptica. Cursou Engenharia na Escola Politécnica da Bahia, local onde foi deflagrada sua primeira prisão, após participar de um ato de greve para o adiamento dos exames finais, que por conseguinte somado os estudantes da Escola Politécnica aos estudantes da

* Discente do Curso de Licenciatura em História; alanis.santos@discente.ufj.edu.br.



Faculdade de Medicina formaram concordância em apoio aos Constitucionalistas, contra o governo Getúlio Vargas. A partir deste ponto sua vida foi dedicada à luta e combate às opressões ditatoriais, como propriamente dita de Getúlio Vargas como também a ditadura civil-militar instaurada em 1964.

Sendo precisa a vida, sua poesia não seria diferente, marcada pela invocação a sociedade, expondo em estrofes o pensamento enquanto preso em meio ao regime. Estando em acordo com seus ideais comunistas, se torna filiado do PCB, mais tarde eleito deputado federal, porém caindo na ilegalidade e sendo cassado. Após discordância no partido ele funda a Ação Libertária Nacional (ALN), movimento de luta armada que coordena atos contra o regime, uma ação que buscara a conscientização popular das massas, dos camponeses, de certo modo alinhado com outros movimentos da época como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), liderada por Carlos Lamarca e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Usando como objeto o poema "Rondó da Liberdade", será analisado o contexto de sua trajetória pessoal como antecessora do período de 1964 sob a ótica dos versos e voz diante da Ditadura Civil-Militar-Empresarial Brasileira (1964-1985).

Discussões e resultados

"É preciso não ter medo/é preciso ter a coragem de dizer" (MARIGHELLA, 1992, p. 15), esta frase inaugura e apresenta uma versão de Marighella que além de seu senso político, era a voz da sua humanidade que não temia o próprio sentimento de medo. Era a voz da criança nascida em Salvador que um dia presa em um pé de mesa por sua mãe, ouviu ela seguinte alerta de sua vizinha: "Dona Rita, não faça isso! Criança que é presa assim acaba presa de verdade". (MAGALHÃES, 2012, p.28)

Adiante a poesia segue evocando uma característica que justifica em partes a vida dedicada a lutar: "Há os que têm vocação para escravo/ mas há os escravos que se revoltam contra a escravidão" (*apud* MARIGHELLA, 1992, p. 15), como citado anteriormente, Carlos Marighella sendo filho de pai italiano e mãe descendente de escravizados, que em um momento confessionou para os filhos mais novos tal descendência oriunda da etinia haussás (MAGALHÃES, 2012, p. 27). Ainda assim, na



aparência considerado mulato, por conta da miscigenação, havia coragem de dizer e nenhuma vocação para escravizado.

Ainda em sua juventude, nos anos em que estudara na Escola Politécnica, se viu diante do início da jornada irrequieta aos regimes ditatoriais, onde deflagrada o Estado Novo, enfrentou a autoridade do tenente Juracy Magalhães em uma sucessão de acontecimentos que ocorreu com a greve dos estudantes da Politécnica da Bahia e da Faculdade de Medicina, após alguns confrontos, uma comissão de professores tentaram o diálogo com o interventor Juracy, porém não ocorreu como o esperado, um ultimato foi dado e não cumprido, foram levados 514 estudantes a Penitenciária do Estado, incluindo Carlos Marighella. Em Rondó da Liberdade pode ser vista sua indignação aos regimes ditatoriais, como o exemplo de Getúlio Vargas: “Não ficar de joelhos/ que não é racional renunciar a ser livre/ Mesmo os escravos por vocação/ devem ser obrigados a ser livres/ quando as algemas forem quebradas” (MARIGHELLA, 1992, p.15).

Vivendo na clandestinidade, muda-se para o Rio de Janeiro local onde abraça o PCB e trabalha em produzir folhetos de propaganda do partido, em meio aos casos tratado nos anos de 1938, incluindo o momento da Segunda Guerra Mundial, em uma das duas emboscadas sofridas é preso e passa três semanas de terror, sofrendo diversas sessões de espancamento e torturas, porém mais uma vez evocando sua afirmação: “É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer”. Nos anos seguintes, instaurado o golpe militar, sofreu outra emboscada quase fatal em um cinema, em maio de 1964, onde sua coragem evidente, resistiu, sendo atingido por uma bala, porém viu-se três perfurações. “A bala entrou no tórax, saiu pela axila e se alojou no braço esquerdo. Marighella continua a lutar. Como um leão, compara um dos contentores que tentam imobilizá-lo”. Sob acusações infundadas fora solto após três meses, estando em definitivo na clandestinidade.

Em dezembro de 1966, Marighella rompe com o Partido Comunista do Brasil por demonstrar aparelhamento maior com a luta armada, por isso no ano seguinte viaja para Cuba a fim que participar de treinamentos militares e do congresso da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade). Ainda em viagem através de contatos com seus companheiros ideológicos, ele funda a Ação Libertadora Nacional, e introduz decididamente a luta armada contra a Ditadura Militar brasileira, junto de outros



movimentos como o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) liderado por Carlos Lamarca. Com o estabelecimento do Ato Institucional nº 5 (AI-5) os grupos citados se radicalizam em suas ações.

Ações estas que, por exemplo, surgiam a ideia do sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, por meio da MR-8, solicitaram um período de trégua para os movimentos da ALN como os assaltos a bancos para assim colaborarem com o sequestro, o qual Marighella não apoiava, mas ficaria sabendo posteriormente da participação ao escutar no rádio as exigências para a soltura do embaixador e ao final a autoria, a própria ALN.

Seria este o começo do fim para Carlos Marighella, pois uma caçada seria estabelecida a ele e seus companheiros de militância. Em seguida, o monitoramento foi reforçado, levando a última emboscada, de fato, fatal, manipulada para parecer que ele havia reagido sendo necessário a execução.

Considerações finais

Carlos Marighella tendo a consciência de que "O homem deve ser livre…", e que "O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo,", estaria conformado sobre a dificuldade de viver esta liberdade e o amor após anos oposição a própria vida imposta? Sendo desde o começo de sua vida provado, por conta de sua cor, o local de seu nascimento, sua origem. "[O amor] Pode mesmo existir quando não se é livre. / E no entanto ele é em si mesmo/ a expressão mais elevada do que houver de mais livre/ em todas as gamas do humano sentimento", nesse trecho observamos que mesmo após as diversas violências sofridas, havia uma luz ao fim do túnel, havia uma exaltação ao amor que independe da circunstância, sendo posto em um status além do livre, mas sim intrinsecamente ao humano-sentimento.

Por fim, ele encerra sua poesia, evocando pela última vez: É preciso não ter medo, /é preciso ter a coragem de dizer. Marcando um ciclo que começa em sua juventude marcada por uma irreverência inigualável, como também, em seu foco através dos estudos, a militância contra Vargas, sua história com o PCB e pôr fim a luta armada. Marighella fugiu do medo que tentava-o cercar, porém sua forte voz não o deixou cercear.



Referências

Marighella, Carlos. *Rondó da liberdade.* São Paulo: Brasiliense, 1992.

Memorial da Resistência de São Paulo. *Carlos Marighella.* Disponível em: https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/carlos-marighella/. Acesso em: 1 nov. 2024.

Amaral, Mário Magalhães. *Marighella: O guerreiro que incendiou o mundo.* Companhia das Letras, 2012.



TÍTULO QUILOMBO CEDRO MINEIROS/GO: PERTENCIMENTO, IDENTIDADE, RESISTÊNCIA, A LUTA CONTÍNUA PELA PRESERVAÇÃO DESSA HERANÇA

Fernanda Lima De Souza*
Pedro Barbosa**

Resumo Simples:

O Quilombo Cedro, situado no município de Mineiros, Goiás, tem suas origens no final do século XIX, com a compra de terras por Francisco Antônio de Moraes, conhecido como "Chico Moleque", um escravizado, que conseguiu comprar sua liberdade e da sua família, as terras, estabelecendo-se em uma área de aproximadamente 1.379 hectares. Correlacionar discussões a partir da história dos negros no Brasil, especialmente na historiografia tradicional. O quilombo tornou-se um refúgio para pessoas negras que escapavam da escravidão. Este estudo aborda o pertencimento, a identidade e a resistência dessa comunidade quilombola, destacando sua contínua luta pela preservação de sua herança. Um ponto crucial é a valorização dos conhecimentos culturais, tradicionais sobre plantas medicinais, um aspecto central para a comunidade do Cedro. Em 1998, como resposta à evasão de jovens devido à falta de infraestrutura e políticas públicas, foi criado o Centro Comunitário de Plantas Medicinais do Cedro. Este centro é vital para a preservação do conhecimento etnobotânico local e para a sobrevivência da comunidade, produzindo diversos produtos medicinais a partir de plantas do Cerrado. Além disso, a problemática ambiental, cultural e a dinâmica social têm permitido que o Quilombo Cedro se torne um recurso significativo para a formação de consciências críticas sobre o passado e as relações sociais e raciais contemporâneas. Este trabalho busca mostrar como a comunidade do Quilombo Cedro contribui para a valorização dos conhecimentos tradicionais e ambientais, e sua importância na sociedade atual, bem como as estratégias utilizadas para manter suas raízes culturais e resistir às pressões externas.

PALAVRAS CHAVES: Quilombo Cedro; Herança; Cultural; Conhecimentos Tradicionais; Ambientais.

* Discente do Curso de História UFJ; Instituto de Ciência e Letras. fernanda.souza@discente.ufj.edu.br
** Docente do Curso de História UFJ; (Orientador) Instituto de Ciência e Letras pbarbosa@ufj.edu.br



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIOCCHI, M. de N. Negros de Cedro: Estudo Antropológico de um Bairro Rural de Negros em Goiás. São Paulo: Ática, 1983.

BARBOSA, Pedro. O Momento Social Negro Brasileiro: da liberdade de autonomia organizativa à institucionalização. Curitiba: Editora CRV, 2018.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 22ª ed. São Paulo: Global, 2003.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas. São Paulo: Editora Moderna, 1981. pp. 89-91.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1980.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

MOURA, Clivis. Rebelioes da Senzala: São Paulo: Ed. Lech livraria.1990.

MOURA, Clóvis (org). Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Maceió:EDUFAL, 2001.

SILVA, Martiniano José. Sombra dos Quilombos. Goiânia: Editora Cultura Goiana,

BRASIL. RDC n° 89, de 16 de março de 2004. Determina a publicação da lista de registro simplificada de fitoterápicos. 2004.

BRASIL. LEI nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. V. 2, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em: https://www.in.gov.br/. Acesso em: 04 jul. 2024.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/. Acesso em: 20 jun. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). Disponível em: https://www.gov.br/incra. Acesso em: 20 jun. 2024.



PERSONAGENS, AS CONSTRUÇÕES E OS MILITARES: A DITADURA CIVIL-MILITAR EM PIRANHAS-GO

Henrique Guimarães Silva*

Resumo Expandido:

Introdução

De 1964 a 1985, o Brasil esteve sob a Ditadura Civil-Militar, resultado de um golpe dado pelos militares e apoiado por alguns lados civis. Segundo Silva e Maciel (2017), nesse período, o Governo Federal incentivou o desenvolvimento de políticas públicas e programas governamentais de desenvolvimento para impulsionar e fortalecer a agropecuária e a agricultura.

Para esses pesquisadores, a década de 1970 pode ser tida como redentora para Goiás, pois consolidou algumas inovações para essas economias rurais. No entanto, de acordo com Santos (2001), a indústria pecuarista goiana, em meados do século XX, já havia muito se beneficiado com a Fundação Brasil Central (FBC), isso no Estado Novo de Vargas. Contemporânea a isso, com a execução da Expedição Roncador-Xingu e as novas estradas construídas pela FBC, a região do Oeste goiano se destacou com o surgimento de novas cidades, por exemplo: Piranhas-GO.

Apesar de seu espaço urbano ter surgido na década de 1940, foi no final dos anos de 1960 que esse Município teve a conclusão de algumas obras públicas. Ou seja, como o Brasil se encontrava numa Ditadura, as construções dessa cidade datadas de 1968 seguiram os moldes da identidade arquitetônica modernista do militarismo brasileiro. Porém, além do materialismo, as História Orais dos personagens que vivenciaram essa época ecoam nas indagações sobre como foi esse período político numa cidade do interior de Goiás.

Para realizar esta pesquisa, foi esquadrinhado o documentário "*O Município de Piranhas – História, Personagens, Costumes e Meio Ambiente*", produzido e lançado no ano de 2007, mas publicado na plataforma Youtube no ano de 2023, pelo canal "Canal da Notícia". Nesse material, há a questão da História Oral, principalmente nas narrativas de

* Graduado em História (licenciatura) pela Universidade Federal de Jataí (UFJ); e-mail: henriqueguimaraes@discente.ufj.edu.br



personagens que vivenciaram esse tempo em Piranhas. Além disso, também houve a leitura da obra **"***O município de Piranhas: geografia, história e educação ambiental"*, escrito pela geógrafa e educadora Maria Glória dos Santos.

Discussões e resultados

Piranhas, uma cidade localizada no Oeste goiano, teve o seu começo urbanístico em meados do século XX. A partir de 1944, com o aprimoramento logístico pela Fundação Brasil Central (FBC), uma nova estrada foi traçada nessa região, a qual ligava a cidade de Caiapônia-GO, antiga Rio Bonito, ao distrito de Ibotim (Bom Jardim de Goiás-GO), com destino na cidade de Aragarças-GO. Segundo Dulce Maciel (2011), Aragarças, fundada pela FBC, era tida: "[...] como centro de referência pela população de toda a região do alto Araguaia, nos estados de Goiás e Mato Grosso (MACIEL, 2011, p. 07)".

Além de estradas, não menos importante, foi erguida uma ponte sobre o rio Piranhas. Essa, para ser executada, necessitou de um acampamento para os trabalhadores da FBC, muitos de origem nordestina. Logo, barracas de palha de babaçu começaram a ocupar o local. Devido às demandas desses sujeitos, foi criado um posto de atendimento nas proximidades do rio e à beira da estrada, sendo está a primeira construção de alvenaria do povoado piranhense.

Com a conclusão desse edifício em 1948, de acordo com Santos (2001), fazendeiros e comerciantes da região também começaram a construir no que, futuramente, resultaria na zona urbana do Município de Piranhas. A igreja/capela de Santo Antônio, devoção vinda com Antônio Pernambuco (Funcionário da FBC), foi coberta de telhas em 1952, tornando-se um marco no desenvolvimento urbanístico da cidade. Por fim, através da lei Estadual nº 812, de 14 de outubro de 1953, de Distrito, esse povoado passou à categoria de Município, sendo instalado no dia 01 de janeiro de 1954, se separando de Caiapônia-GO. Então, entende-se que esse Município teve o seu começo num contexto da Ditadura Varguista (1930-1945).

Com o golpe militar dado em 1964, num dos trechos do documentário *"O Município de Piranhas – História, Personagens, Costumes e Meio Ambiente",* Mariana Inácia Gouveia Leite, ex-primeira-dama de Piranhas, relata sobre como foi a prisão de



seu marido, o ex-prefeito Joaquim Portilho (MDB), por ter feito uma campanha contra a "Revolução":

> Uma pessoa entrou no cartório e falou assim: O sr. Joaquim foi preso. Ele tá descendo num caminhão da polícia ali. É porque disse que tava fazendo campanha contra a Revolução. Aí eu fui pra lá. Falei "Meu Deus do céu, deixa eu ver o que eles vão fazer do Joaquim Portilho agora". Passei ali no hotel do Mahmud.[...] Passei lá, lá tava cheio de policiais. E tinha um chão brabo lá. Brabo mermo. Aí eu cheguei e falei assim: "Eu gostaria de saber porquê que o meu marido foi preso. Ele não matou, não roubou, por que vocês estão prendendo ele? Aí eles falaram assim: "A senhora não fala nada não, senão a senhora vai ficar presa também. (SANTOS, Canal da Notícia, 2023)

Apesar do processo urbanístico ter iniciado na década de 1940, foi em meados da década de 1960 que o Município recebeu novas construções públicas, tais como: Fórum; Casa do Juiz; Cadeia; Ginásios; etc. Nesse período, o Brasil estava sob a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), que, de acordo com Gurgacz, Lago e Anjo (2018), influenciou na arquitetura brasileira, onde esta foi limitada e ditada pela identidade militar modernista. Em Piranhas, esse processo de censura à arquitetura não difere, tendo as construções públicas, em boa parte, concluídas em 1968.

Mais tarde, no dia 11 de fevereiro de 1973, chegou-se em Piranhas-GO o diácono Ilgo Pedro Schneider. De origem gaúcha, Schneider tornou-se o primeiro padre

da cidade, instalando posteriormente a Paróquia de Santo Antônio. Diante disso, esse padre realizou alguns trabalhos sociais com a população piranhense, assim como o levantamento do número de habitantes.

Segundo o relato do Pe. Scheneider no documentário, os momentos de transição política sempre foram marcantes para a História do Município de Piranhas. Ao contextualizar a temporalidade de sua narrativa, Pe. Schneider reforça que havia a Ditadura Militar e os partidos Arena e MDB. Tendo sofrido a censura em suas celebrações de missas, esse padre descreve como foi a perseguição dos militares em seu cotidiano:

> Momentos marcantes, aqui de Piranhas, sempre eram aqueles momentos de transição política. Que naquele tempo, a política era a Ditadura Militar, Arena e MDB. Partidos assim, né? E era difícil. Eu era



> muito visado, porque, ocupando uma posição, era controlado tudo. Todas as palavras que eu falava. Todas as pregações que eu fazia na igreja. Tudo era controlado. (SANTOS, Canal da Notícia, 2023)

Considerações finais

A respeito do que foi apresentado até aqui, percebe-se que, na História do Município de Piranhas, o seu surgimento, ao ser contextualizado temporalmente, na Ditadura Varguista, mas o ápice das construções públicas foi na Civil-Militar, onde está ditou a arquitetura local. A partir disso e dos relatos dados no documentário, nota-se a questão da resistência à censura, em que esses personagens relatam sobre como foi esse período numa cidade do interior goiano e a questão da perseguição política e militar.

Referências

GURGACZ, Mariana. LAGO,Carina Mariana do; ANJOS, Marcelo França dos. A INFLUÊNCIA DA DITADURA MILITAR NA PRODUÇÃO DA ARQUITETURA BRASILEIRA (1965-1975). Disponível em: https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/ecci_2018/08-10-2018--17.24.33.pdf . Acesso em: 08/11/2024.

MACIEL, Dulce Portilho. Estado e território no Centro-Oeste brasileiro (1943-1967). Fundação Brasil Central (FBC): a instituição e inserção regional no contexto sociocultural e econômico nacional. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA–ANPUH**, v. 26, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191538_ARQUIVO_ANPUH.2011-Trabalhocompleto.pdf . Acesso em: 08/11/2024.

SANTOS, Maria Glória de Faria Nunes dos. **O município de Piranhas: geografia, história e educação ambiental**. Goiânia, Editora Kelps, 2001.

SANTOS, Maria Glória de Faria Nunes dos. **[DOCUMENTÁRIO] O Município de Piranhas – História, Personagens, Costumes e Meio Ambiente**. Youtube, 25 de jan. de 2023. Disponível em: https://youtu.be/Bo1lXUoE8JA . Acesso em: 08/11/2024.

SILVA, Diôgo Rodrigues da; MACIEL, Dulce Portilho. OS IMPACTOS NA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO AGRONEGÓCIO DA MELANCIA EM URUANA (GO). In: **Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)(ISSN 2447-8687)**. 2016. Disponível em: http://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/7438 . Acesso em: 08/11/2024.



O ENSINO DE ARTES NO MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO NO SÉCULO XXI (2020-2024)

Igor Eduardo Anacleto*

O objetivo deste trabalho é investigar o que foi feito pelo poder público de Jataí para o ensino e o acesso à arte no período de 2020 a 2024, a partir de pesquisa de abordagem qualitativa com uso dos métodos narrativo e descritivo-analítico. Entendendo que a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a ela, é importante pensar a respeito dos benefícios da arte. Graaff[2] afirma que "é a partir da Arte que será possível desenvolver a expressão corporal, os sentimentos e aguçar os outros sentidos de nosso organismo" Assim, a arte tem o efeito incrível de humanizar as pessoas. Segundo a autora "quando estamos em contato com a arte nos tornamos pessoas melhores, menos alienadas, passando a ver o mundo de uma forma diferente, considerando novas ações de vida"[3].

Assim, pensar em arte é imaginar como ela pode proporcionar melhora da saúde, principalmente da saúde mental. Nessa direção, cabe dar ênfase à arteterapia desenvolvida por Nise da Silveira[4] (1901-1999), que atende "uma diversidade de público, tratando distúrbios relacionados a ansiedade, pânico, insegurança, e transtornos neurológicos e mentais"[5].

A arte proporciona um conhecimento único ao ser humano, que o leva a descobrir novas perspectivas, dando a ele inúmeras ressignificações aos sentimentos e às experiências negativas. Especificamente com referência à catarse, entendida como a liberação de emoções ou tensões reprimidas, Koppe e Bonin[6] acentuam que ela pode ser

* Graduando do curso de História da Universidade Federal de Jataí-UFJ. Bolsista do Programa de Iniciação à Pesquisa Das Licenciaturas - Prolicen.

[2] GRAAFF, Diana Farias de. A arte como instrumento de autoconhecimento e cura. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/artes/a-arte-como-instrumento-de-autoconhecimento-e-cura>. Acesso em: 25 jun. 2024.

[3] *Ibidem*.

[4] Nise Magalhães da Silveira foi uma médica e psiquiatra brasileira reconhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria e revolucionou o tratamento mental no Brasil. Foi aluna de Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica.

[5] GRAAFF, *op. cit*.

[6] KOPPE, Jullie Selau; BONIN, Joel Cezar. A arte como meio de humanização e de transformação de sujeitos conscientes de sua própria realidade. **Extensão em Foco**, v.8, n.1, 2020, p. 73.



redirecionada por meio da arte, dando um novo viés para a violência, carreando a manifestação da dor em novas formas de expressão que não impliquem mais na explosão da angústia em violência, mas em novas formas educativas e criativas de manifestação das identidades pessoais.

Portanto, pode-se dizer que a arte é relevante, de acordo com Buoro[7], "como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginação". Ela conduz o ser humano a pensar criticamente em suas ações e nas estruturas que o cercam. Por isso, Koppe e Bonin[8] associam a arte ao "conceito de humanização, pois é por meio dela que o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social, levando-o a interpretar o mundo e a si mesmo".

Fica, assim, evidente o poder formador e transformador da arte; contudo, é necessário entender o contexto no qual a arte se encontra e os limites que são a ela impostos. Para Trojan[9], "o avanço tecnológico dos meios de comunicação e, contraditoriamente, a necessidade crescente de expansão do mercado capitalista, promovem a universalização da cultura artística, ao mesmo tempo em que reduzem a possibilidade de acesso aos seus produtos".

Isso se relaciona à desigualdade no acesso à arte, notadamente em países nos quais grande parcela da população vive na pobreza, não tem computador nem acesso à internet, tampouco oportunidade de contato com obras de arte. E para cumprir sua função humanizadora e satisfazer a necessidade de prazer estético, a obra de arte precisa ser compartilhada, difundida, acrescida de muitos olhares e significados.

Se a arte, como diz Coli[10], tem "uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem' [e] seu domínio é o [...] da sensibilidade", pensar em arte significa concebê-la também na perspectiva da inclusão social e em possibilidades de incorporá-la a processos educativos. É preciso oferecer oportunidade de frequência aos

---

[7] BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 24.
[8] KOPPE, BONIN, *op. cit*., p.71**.**
[9] TROJAN, Rose Meri. A arte e a humanização do homem: afinal de contas para que serve a arte. **Educar**, n.12, 1996, p. 89.
[10] COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 8.



espaços onde a arte é exposta ou suas manifestações são apresentadas, sem ignorar o fato de que a "freqüentação da arte depende, no entanto, de circunstâncias materiais, de meios concretos: ela não é dada a todos"[11].

Num país como o Brasil, que não privilegia o acesso à cultura e à arte a todas as camadas da população, educadores e instituições públicas são provocados ao esforço de oferecer, além da aprendizagem da arte, condições materiais para que a produção artística seja alcançada.

> E esse esforço coloca de per si o problema, não mais individual, mas social, do direito à freqüentação. Assim, as pessoas que, em nossa sociedade, têm consciência do papel fundamental desempenhado pela arte no seio da cultura, são forçosamente obrigadas a colocar o problema do acesso à obra. É necessário exigir os meios da freqüentação.[12]

Em resposta à provocação de Coli, propomos investigar as condições de frequentação às produções artísticas na cidade de Jataí, localizada no sudoeste de Goiás. Interessa-nos pesquisar as unidades que promovem arte e cultura no município, a partir de três hipóteses:

1) Durante a pandemia de covid-19, a prefeitura de Jataí não realizou atividades artísticas destinadas aos habitantes da cidade.

2) As instituições que oferecem arte gratuitamente à população foram prejudicadas após a pandemia por falta de público.

3) Após a pandemia não foram realizados novos projetos para trazer de volta o público.

Partimos da suposição de que os espaços destinados à arte foram mal preservados pela prefeitura de Jataí durante a pandemia, o que acarretou a perda da qualidade desses ambientes.

Consequentemente, o público parou de frequentá-los. Além disso, a oferta de arte não atende às demandas dos moradores e os espaços não comportam a diversidade cultural da população, o que causa desinteresse de certos públicos. A Secretaria Municipal

[11] *Ibidem*, p. 125.
[12] *Ibidem*, p. 129.



de Cultura desenvolveu poucos projetos e iniciativas voltados à arte durante esse período, dando pouca visibilidade a essas unidades. Portanto, a população pode desconhecer que esses espaços existem e o que eles oferecem gratuitamente.

Nesse sentido, consideramos relevante discutir a arte em Jataí e pesquisar os projetos que são implementados nesses espaços e o que é produzido neles. Propomos investigar as condições em que se encontra cada unidade direcionada a oferecer, à população, acesso à arte. Interessa-nos compreender como ocorreu o processo de retomada das atividades artístico-culturais após a pandemia covid-19. Procuraremos identificar quais ações são organizadas e quais os mecanismos empregados pelo poder público municipal para possibilitar a arte-educação na cidade.

Para conhecer a história do ensino de artes em Jataí, envolveremos, na pesquisa, escolas, museus e centros culturais. Buscaremos informações nas secretarias de Educação e de Cultura e no Legislativo. O contato inicial será com a Secretaria de Cultura, que mantém oito unidades onde ocorrem ações de arte-educação: Museu de Arte Contemporânea, Centro Cultural Basileu Toledo França, Biblioteca Municipal Dante Mosconi, Museu Histórico Francisco Honório de Campos, Memorial JK, Casa do Artesão, Escola de Música Nestor Garcia de Assis e Estação Cidadania. Além disso, analisaremos dados da Secretaria de Educação para saber o que foi oferecido, em termos de arte-educação, nas 38 escolas municipais de Jataí no período de 2020 a 2024.



A DITADURA CIVIL-MILITAR NAS MEMÓRIAS DA POESIA MARGINAL

Laínny Chaves Oliveira*

Resumo Expandido:

Introdução

A poesia marginal de 1970, sob as influências da arte moderna, segundo Almeida (2022), busca romper com o conservadorismo da academia estabelecendo novas características a poesia, propondo um novo jeito de fazer literatura, novo formato de venda e de distribuição, ou seja, diferente do tradicional. Os poetas marginais buscavam se aproximar do público e da vida de sua poética, dado que, procuravam trabalhar com temas cotidianos, linguagem coloquial e de fácil compreensão.

Dessa maneira, Almeida (2022) aponta que, a poética marginal se torna imprescindível para a história brasileira, uma vez que nos esbarramos nas memórias dos dias tensos da Ditadura Civil-Militar através das vivências compartilhadas pelos poetas marginais sob o mesmo contexto histórico, que estes expressavam e produziam um universo poético de formas singulares. Portanto, suas vivências se tornam um ponto de partida para a construção dessa escrita marginal.

Os artistas partiam e se caracterizavam de outros elementos além da sua vivência, como por exemplo, o uso do humor e desbunde característicos da poética marginal, o uso de metáforas e outras figuras de linguagem para se opor e criticar não somente o sistema ditatorial, mas também a hipocrisia que esses artistas enxergavam na sociedade brasileira.

Em 1968 com a circulação da bandeira-poema de Hélio Oiticica “Seja marginal, seja heroi” nasce o conceito de marginalia dentro do movimento de contracultura na literatura brasileira, “Como o termo pressupõe, o movimento propôs uma ética - políticae vida - e uma estética ‘desviantes’, contraculturais, alternativas, opondo-se ao famigerado sistema conservador e ditatorial imposto no Brasil” (Gutierrez; Cei, 2018, p.41).

* Historiadora pela Universidade Federal de Jataí; lainnychaves@discente.ufj.edu.br



Dessa maneira, segundo Gutierrez e Cei (2018), a geração mimeógrafo produzia, editava e vendia suas obras sem recorrer a editoras, vivendo à margem da indústria cultural, ou seja, recusava o conforto que o sistema promovia aos escritores e artistas, contudo, junto a recusa dessas comorbidades oferecidas pelas editoras, essa geração também recusava, se opunha e se posicionavam contra esse sistema e o que era estabelecido, isto é, inventaram seus próprios meios de publicação, criando alternativas ao modo de produção capitalista.

Discussões e resultados

A arte passa por um consenso da sua função mediante a determinados cenários históricos, ou seja, a arte e seus veículos desempenham-se como ferramentas de debates políticos. Contudo, segundo Heloísa Buarque de Hollanda, "é interessante observar a vitalidade desse debate, exatamente quando há um consenso quanto à evidência do chamado 'vazio cultural' da década de 70." (Hollanda, 2004, p. 14). O 'vazio cultural' citado por Hollanda está ligado ao governo ditatorial que controlava as produções artísticas, a imprensa e o sistema de censura, uma vez que, as manifestações que poderiam vir a existir se esvaziavam ao cumprir o papel de somente entreter a sociedade compactuando com a ditadura.

A distribuição da poesia ficava de responsabilidade dos próprios autores e grupos, que aconteciam de forma não convencional, entregando seus poemas de mão em mão nas entradas dos cinemas, teatros, eventos, bares, shows ou espalhavam pela cidade em postes e muros. Para que isso fosse possível esses poetas se reuniam para produzir livretos utilizando o mimeógrafo, que também deu origem a esta parcela da geração de poetas marginais chamada "Geração Mimeógrafo".

A marginália iniciada nos anos finais da década 1960 e composta por grupos intelectuais que seguiam um caminho underground e transgressor diante dos dilemas culturais da época, se colocavam em oposição aos meios burgueses e capitalistas de fazer poesia ou arte em geral. A edição e distribuição realizada pela geração mimeógrafo da marginalidade contida na poética de seus textos despertou descontentamento e críticas da academia e da indústria cultural, rotulando esses poemas como "literatura do lixo ou lixeratura" (Pereira, 1989, p. 74, *apud*. Almeida, 2022, p. 310).



É possível assemelhar e apontar as influências que os poemas marginais tiveram com outras escolas literárias ou movimentos artísticos, como a Semana de 1922, porém, o escritor Glauco Mattoso "propõe uma reflexão sobre a literatura marginal dizendo que a 'diferença está na postura, que em 22 teria sido intencional, premeditada, e na poesia marginal seria espontânea e inconsciente" (Almeida, 2022, p. 310). Ou seja, a preocupação da literatura marginal não era de se apresentar como uma literatura engajada, academicista e elitizada, mas dedicada a cumprir seu objetivo de resistência diante do sistema ditatorial.

Dessa maneira, o movimento marginal evidenciou a ruptura com a literatura elitista e concentrou sua marginalidade e resistência como seu aspecto principal. A poesia marginal abriu espaço para o debate da produção e ao acesso à literatura, uma vez que a poesia pode ser lida e escrita em qualquer lugar, sendo antes restrito a um grupo específico da academia e burgueses intelectuais.

Portanto, o rompimento que os poetas marginais proporciona segundo Nascimento (2013), é que "além de romperem com o tradicionalismo da imagem do ser poeta, do público consumidor de poesia, do vocabulário utilizado e da editoração, eles rompem com o lugar onde a poesia pode ser encontrada" (Nascimento, 2013, p. 4). Assim, a poesia marginal torna possível a relação entre literatura e sociedade de forma mais sólida, além da importância, enquanto inserida no seu papel social, de resistência, enfrentamento político e mobilizador na área cultural.

A poesia foi utilizada no contexto do regime militar sendo uma ferramenta de expressão para os poetas, que faz relação entre a poesia e a vida, encontrando inúmeros caminhos dentro dessas expressões e narrativas poéticas que são explícitas ao enfrentamento dos problemas sociais e políticos históricos contemporâneos ao escritor. Contudo, Ana Cristina Cesar diz que, "A marginalidade é tomada não como saída alternativa mas sim como ameaça ao sistema, como possibilidade de agressão e transgressão." (Cesar, 1999, p. 123, apud. Almeida, 2022, p. 312).

Dentro da produção das poesias marginais o desbunde era um caminho que a maioria dos poetas marginais utilizavam para subverter os sistemas literários padronizados e impostos pelo governo e editoras. Os escritores marginais expressavam



seu descontentamento mediante a hipocrisia da própria sociedade diante do contexto autoritário que viviam, fazendo esses a escreverem versos obscenos e sexuais. Nesse sentido, Salgueiro aponta que

> O desbunde surge com o intuito de negar os valores morais cristãos e burgueses da época. Assim, os marginais não somente escrevem em seus poemas o descontentamento vivido, senão também vivem a marginalidade ao utilizar drogas pela proporção de fuga da realidade, ao escutar rock em vez de pegar em armas ou se engajar em partidos políticos. Suas atitudes negam as atitudes do burguês, "homem branco, heterossexual, adulto, civilizado, 'não-poeta', governista, empresário, careta, militar, etc" (Salgueiro, 2002, p. 62, apud Gutierrez; Cei, 2018, p. 44).

Considerações finais

A poesia marginal como função social de relatar, lutar e resistir, não determina que todo papel social da poesia se restringe a isso, pois poderia limitar-se ao belo, tanto quanto ser comovente ou entreter, mas nessa situação lemos a poesia marginal além dessas limitações de senso comum pré-existentes. Diante disso, Moisés (2007) vai pontuar que, "o papel da poesia não é só comover e entreter, mas educar, e educar enquanto modo de ver, no encalço da efetiva construção de conhecimento" (Moisés, 2007, p. 34-35, apud. Julio, 2022, p. 11), assim, talvez, criando a possibilidade de representar o mundo para que seja possível despertar no leitor reflexões e incômodos sobre a realidade.

É importante ressaltar como essa resistência da poesia marginal foi produzida em um momento em que a cultura passava por uma violenta censura. Portanto, enquanto essa produção artística produzida dentro desse cenário de censura, os artistas passaram aabordar essas questões políticas de formas mais sutis, não se referindo à ditadura militar de forma tão explícita.

Em vista disso, a poesia durante esse período é tomada como uma ameaça à ordem e à estabilidade da república e um perigo à ditadura nacional. Portanto, Julio (2022) vai pontuar que a poesia uma vez censurada naquele momento



> Era uma ameaça ao Estado, ao ponto de ser retratada em "Agosto 1964" como passível de investigação policial. Logo, sua função socialdeveria ter sido reprimida por completo, porém, observamos que isso não ocorreu, uma vez que se analisa os anos de repressão por meio desses poemas (Julio, 2022, p. 22).

Esses poemas também podem ser entendidos como uma bandeira, como se fosse uma marca de união que representa não só os poetas marginais, mas seus leitores que de alguma forma se transformam em detetives ao formular hipóteses, levantar possibilidades, associações ou investigações.

Referências

ALMEIDA, Alessandra Coelho de. **Entre o alheamento e o enfrentamento: um estudo da poesia marginal.** Studies in Multidisciplinary Review, Curitiba, v.3, n.2, p.303-330, apr./jun.,2022;

GUTERREZ, Debora Priscila Arevalo; CEI, Vitor; Ética E Estética Da Poesia Marginal. **In**:Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jul.-dez. 2018, p. 41-54;

JULIO, Giovanna Jesus Gonçalves. **RESISTÊNCIA POÉTICA FRENTE À DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM POEMAS DE FRANCISCO ALVIM E FERREIRA GULLAR.** Araraquara – S.P. 2022**;**

NASCIMENTO, Alexandre Vinícius Gonçalves. **Minha poesia é o hino/ dos libertinos/ que conspiram na noite dos generais: A poesia marginal no Brasil por meio da antologia 26 poetas hoje (1976)**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogosocial. Natal, 22 a 26 de julho de 2013;



A HISTÓRIA DA MODA E SUA UTILIZAÇÃO COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

Lucas Alcantara Lima*

Resumo Expandido:

Introdução

O objeto desta investigação é a moda e sua relação com as estruturas de poder e dominação social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, em fase inicial, dedicada a analisar os usos das roupas como mecanismo de distinção social, exclusão e pertencimento identitário.

Ressaltamos que a história da moda e das formas de se vestir, revelam a complexa relação entre o vestuário e os valores sociais, estéticos e culturais das sociedades ao longo do tempo e do espaço. Historicamente, antes de se consolidar como uma das indústrias mais rentáveis do mercado de produção, o mercado de roupas já utilizava aspectos diversos da vida social para se reinventar e atrair públicos distintos, sobretudo, os membros das classes sociais mais elevadas.

Esses aspectos sociais evidenciam a moda como sendo um mecanismo para diferenciar estratos sociais, separando aqueles com poder aquisitivo dos menos favorecidos. De fato, a moda tem sido uma forma de expressão que vai além da funcionalidade das roupas, incorporando elementos que refletem e reforçam hierarquias sociais, criando desejos e identidades culturais diversas.

Discussões e resultados

O acesso e uso da moda, como forma de distinção social é amplamente discutido por Thorstein Veblen ([1899] 1983), segundo o qual o consumo compulsivo, denota como as classes dominantes utilizam o consumo de bens de luxo, incluindo o vestuário, para demonstrar *status quo* e poder. Portanto, as vestimentas e os modos de se vestir, não são apenas uma necessidade humana e um atributo estético, são, também, reflexos das estruturas sociais, em que a capacidade de consumir e exibir determinadas peças se

* Graduando em História pela Universidade Federal de Jataí/UFJ. lucasalcantarazikalima@gmail.com.



tornam símbolos de prestígio social e de pertencimento identitário a um grupo ou classe social.

Neste sentido, emerge um problema de investigação que carece análise, a saber: quais são os condicionantes sociais que tornam a "moda" como sendo um mecanismo de exclusão e de distinção entre os estratos sociais?

Um fator importante a ser considerado é que, a moda reflete o espírito de sua época, incorporando os recursos materiais e as técnicas disponíveis em cada sociedade. Desde os mais antigos registros, nota-se a utilização das vestimentas como sendo um meio de distinção social entre sujeitos e grupos, sejam por razões econômicas, políticas, religiosas e/ou culturais. Assim sendo, historicamente os mais abastados e influentes indivíduos, se utilizaram das indumentárias para expressarem riqueza, distinção social, poder e influência no meio ou grupo em que se inserem.

Durante a Antiguidade Clássica e a Idade Média, por exemplo, o uso de matérias primas raras, escassas ou de difícil produção, como, por exemplo, os metais preciosos, a seda e as pigmentações, se tornaram elementos das vestimentas das classes mais altas, uma vez que esses materiais eram inacessíveis para a grande parcela das sociedades e simbolizavam poder e riqueza. Esses materiais, muitas vezes restritos a uma elite econômica, política e/ou religiosa, conferiam às peças uma exclusividade que as tornavam expressões culturais e sociais de privilégio e domínio.

Todavia, devemos matizar os sentidos sociais e os usos e acessos ao que qualificamos como "moda", uma vez que o próprio termo é polissêmico e recebe significados diferentes, a depender sempre dos condicionantes históricos de cada sociedade ou agrupamento humano. A exemplo disso, basta termos em vista que, as concepções de "beleza" e "utilidade", no que diz respeito às vestimentas, estão relacionadas diretamente com os valores sociais, estéticos e práticos que lhes são atribuídas no tempo e no espaço. Logo, o que é belo e útil para uma sociedade, pode ser visto e perspectivado como sendo feio e dispensável para outra. Outro fator a ser considerado diz respeito à efemeridade da moda, sobretudo, em tempos de consumo desenfreado, hegemonia da ideologia da ostentação e descarte programado.



De acordo com Gilles Lipovetsky (1989), a moda é um fenômeno paradoxal e complexo, de deve ser analisado a partir de fatores sociais, econômicos e culturais, uma vez que ao mesmo tempo que se transforma continuamente, ela carrega em si uma memória cultural que permite compreender a evolução das mentalidades e dos valores ao longo do tempo. Dessa forma, o estudo da história da moda e das vestimentas vai além do enfoque estético, pois permite compreender as mudanças e permanências nos valores das sociedades, assim como as relações de poder, os ideais de beleza e a evolução das tecnologias de produção. Compreender essa história nos ajuda a entender as dinâmicas sociais de cada época e contexto social, revelando como o vestuário é um meio poderoso de comunicação social e cultural.

Assim sendo, a moda não deve ser vista apenas como uma questão de aparência ou luxo, mas como uma lente para investigar questões profundas sobre identidade, status e pertencimento. Elizabeth Wilson (1985) postulou que as indumentárias e os modos de se vestir expressam “a sociedade em miniatura”, ao trazer à tona as dinâmicas sociais que organizam as classes. Portanto, explorar a história da moda é também explorar a história em suas contradições e complexidades, revelando como as escolhas aparentemente superficiais refletem desejos profundos, os valores culturais e as estruturas sociais excludentes.

Antes de encerramos esta discussão, precisamos lançar luz sobre outros condicionantes sociais, a sexualização dos corpos e o fetichismo pelos itens da “moda”.

A indústria da moda tem uma longa história de incorporar elementos que evocam fetiches e simbolismos sexuais. No século XXI, itens como roupas de látex, tradicionalmente associados ao universo fetichista e representados em obras cinematográficas, foram adaptados ao mercado de moda *mainstream*. Tal transformação visa levar a sexualidade para fora das “quatro paredes”, rompendo com tabus anteriores sobre a exposição e a expressão corporal. Um exemplo disso, advém da iniciativa da marca de luxo Balenciaga, reconhecida no cenário global por suas abordagens provocativas e não convencionais.

Fundada por Cristóbal Balenciaga, em 1919, a Balenciaga desafiou os limites estéticos tradicionais, introduzindo peças que evocam desconforto e exclusividade. A



empresa, ao utilizar temas polêmicos e explorar a sexualização, reforçou sua imagem de inovação e exclusividade, alinhada ao consumo de alto poder aquisitivo, o que pressupõe o limite do acesso ao público mais amplo.

Observamos que a sexualização na moda não se restringe apenas às roupas para adultos. Crianças também são envolvidas, como evidenciado em uma campanha recente da Balenciaga, em que ursos de pelúcia, tradicionalmente associados ao universo infantil, foram utilizados com adereços de *bondage*. Esse tipo de publicidade gerou controvérsia, ao misturar elementos do público infantil com simbolismos sexuais. Após críticas, a marca removeu a campanha, mas as imagens e as reações permaneceram acessíveis, mostrando que nem mesmo o mercado de luxo está imune ao escrutínio das redes sociais e da opinião pública.

Estudos e análises históricas mostram que a moda é cíclica, com tendências e elementos que retornam em releituras contemporâneas, o que reforça o impacto cultural do vestuário ao longo do tempo. A inclusão de elementos sexualizados em peças de uso cotidiano, mesmo para quem não acompanha as tendências, torna esses produtos acessíveis para a maioria. Jeans, mangas bufantes, golas altas, chokers e peças com amarrações são exemplos de itens que foram ressignificados em diferentes épocas, muitas vezes com uma forte ênfase na sensualidade, sobretudo, feminina. Embora a exposição do corpo tenha sido um tabu no passado, hoje ela se tornou essencial para a moda e para todos os gêneros, refletindo uma nova atmosfera social.

Portanto, a sexualização no vestuário pode ser interpretada como uma tentativa de expressar liberdade e explorar um lado da humanidade historicamente reprimido. Religiões, que durante milênios controlaram rigidamente os padrões de vestimenta e impuseram pudor aos seus seguidores, têm adaptado, em alguns contextos, seus discursos para não perder sua inserção e dominação social. Embora ainda mantenham códigos de vestimenta tradicionais para seus líderes, muitos grupos religiosos passaram a aceitar os novos padrões de se vestir dos seus fiéis, evidenciando uma convivência entre a expressão individual e a moralidade religiosa. Entretanto, em muitos contextos sociais, ainda sobrevivem rígidos padrões do que vestir e como se vestir, expressando a permanência do controle social sobre os corpos e as práticas culturais.



Considerações finais

Constatamos, por meio deste balanço bibliográfico preliminar que, a moda transcende o simples ato de vestir e se tornou um elemento que impacta as dinâmicas sociais, moldando normas e práticas ao longo do tempo. Além disso, cada sociedade elabora um conjunto variado de padrões sobre o que é "belo" e "útil", a depender sempre dos condicionantes sociais, econômicos, políticos e culturais. A constante reinvenção dessa indústria demonstra que o esgotamento criativo é improvável, pois o vestuário não apenas cobre o corpo, mas também representa uma forma de externalizar identidades e personalidades. Assim, a moda, vista a partir da lógica de mercado, revela-se como um produto de massa que disfarça a padronização sob a aparência de exclusividade, perpetuando a busca constante por uma autenticidade que, na prática, pode ser apenas um reflexo dos interesses da própria indústria. Além disso, os acessos e usos das indumentárias, ditas da "moda", revelam as estruturas sociais que organizam as sociedades capitalistas, marcadas pela fetichização da mercadoria, pela efemeridade do "novo" e pelo consumo exacerbado dos bens e recursos.

Referências

Lipovetsky, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Veblen, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

Wilson, Elizabeth. **Adorned in Dreams: Fashion and Modernity**. Londres: I.B. Tauris, 1985.



O ECO DE CLIO: NARRATIVAS, IMAGENS E A CONSTRUÇÃO DO PASSADO

Marcos Antonio de Menezes*

Resumo expandido:

Clio, a musa da História, eleva-se da mitologia grega como a guardiã da memória, transformando o passado em narrativas vivas que atravessam o tempo. Sua figura, coroada de louros e com o livro de Tucídides em mãos, é o símbolo eterno da interseção entre o conhecimento e a imortalidade. Nas artes e na historiografia, Clio representa mais do que a simples cronista dos feitos humanos – ela é a mediadora entre o ocorrido e o contado, entre o fato e sua interpretação. Através de obras como *Clio, la Musa della Storia* de Artemisia Gentileschi e *Clio, Musa da História* de Charles Meynier, vemos a musa como uma jovem que carrega a responsabilidade de transmitir a fama e a sabedoria dos eventos passados. Sua trombeta ecoa as vozes do tempo, enquanto sua clepsidra marca a passagem dos momentos cruciais da história.

Essas imagens, icônicas e profundas, nos lembram que a história é uma construção narrativa, permeada por escolhas estilísticas e ideológicas, conforme argumentado por autores como Hayden White. Neste artigo, exploramos como Clio, símbolo da subjetividade inerente à escrita histórica, se transforma em uma metáfora poderosa para os desafios do historiador contemporâneo. A musa nos conduz pelas veredas da memória e da eloquência, inspirando-nos a reconhecer que o passado não é um espelho perfeito da realidade, mas uma tapeçaria tecida pela mão humana, entrelaçando fatos, interpretações e visões de mundo. Clio nos lembra que, ao contar a história, celebramos e preservamos não apenas o que foi, mas também o que escolhemos relembrar e propagar para as gerações futuras.

Clio, a musa da História, surge da mitologia grega como guardiã da memória e eloquente narradora dos feitos humanos, eternizando glórias e tragédias através de sua presença majestosa. Ela não apenas preserva o passado, mas também transforma o tempo em um fio contínuo de significados, tecendo com suas mãos as tramas da história e da

* Professor titular da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e professor da pós-graduação em história (mestrado e doutorado) da Universidade Federal de Goiás (UFG). É autor de *O poeta da vida moderna:* história e literatura em Baudelaire. Curitiba: CRV, 2013.



fama. Com sua coroa de louros e o livro de Tucídides repousando em sua mão esquerda, Clio é o símbolo da intersecção entre o conhecimento e a imortalidade, entre o registro cuidadoso dos acontecimentos e a propagação de sua importância.

Suas representações icônicas, como em *Clio, la Musa della Storia (La fama)* de Artemisia Gentileschi, de 1632, e *Clio, Musa da História*, de Charles Meynier, de 1798, oferecem vislumbres da musa como figura jovem e poderosa, envolta pela aura da memória heroica. Cada detalhe dessas obras revela um pedaço da alma de Clio: a trombeta que ecoa a fama, o livro que guarda as lições do passado, o olhar que vê além do presente. Através dessas representações, o artigo explora não apenas a beleza visual de Clio, mas também a profundidade simbólica e contemporânea da musa na arte e no imaginário. De musa das artes à guardiã dos historiadores, Clio continua a inspirar o mundo moderno, conduzindo-nos pela mão nas intricadas trilhas da história, onde o passado e o presente dialogam incessantemente.

Assim a deusa da História na mitologia grega, é uma figura central nos estudos historiográficos contemporâneos, sendo frequentemente utilizada como metáfora para simbolizar a relação entre o passado e as narrativas construídas pelos historiadores. Representada como uma musa que celebra e preserva a memória dos feitos humanos, sua imagem evoluiu ao longo do tempo, acompanhando as mudanças teóricas e metodológicas que marcaram a historiografia moderna. Clio não apenas "conta" a história, mas também encarna os dilemas e as responsabilidades do historiador como criador de narrativas e mediador do passado. Seu papel transcende a simples transmissão de eventos, envolvendo questões de interpretação, subjetividade e escolha narrativa.

Com o advento das teorias pós-modernas e a crítica ao positivismo histórico, autores como Hayden White trouxeram à tona a noção de que a escrita da história não é um reflexo neutro dos fatos, mas sim uma construção que envolve uma série de decisões estilísticas e ideológicas. Hayden White que explora a ideia de que a escrita da história não é um reflexo neutro dos fatos, mas uma construção narrativa que envolve escolhas estilísticas e ideológicas em *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe* (1973) afirma que os historiadores utilizam estruturas narrativas e tropos



retóricos para dar sentido ao passado, sugerindo que a história é, em grande parte, uma criação literária.

Ele examina como diferentes formas de emplotamento, modos de argumentação e tropos linguísticos moldam as narrativas históricas e influenciam a interpretação dos eventos históricos. Em *Metahistory*, White propõe que os textos históricos são organizados de maneira semelhante às obras de ficção, sendo, portanto, produtos de escolhas narrativas que refletem visões de mundo específicas dos historiadores, ao invés de representações objetivas dos fatos.

Clio, neste contexto, simboliza a subjetividade inerente à escrita histórica, representando a ideia de que o historiador, ao narrar o passado, inevitavelmente projeta sobre ele sua própria perspectiva. A metáfora de Clio como "narradora" enfatiza que a história, longe de ser uma ciência objetiva, está imersa no campo da retórica e da interpretação, onde a escolha das palavras, a estrutura das narrativas e a organização dos fatos são influenciadas por fatores culturais, políticos e sociais.

Na mitologia grega, Clio é uma das nove musas, filhas de Zeus e Mnemósine, a deusa da memória. Seu nome significa "a que faz famoso", o que revela seu papel primordial de celebrar e propagar os feitos heroicos e históricos. Em representações artísticas, ela é frequentemente retratada com uma trombeta, símbolo da fama, e uma clepsidra, que representa o tempo e a passagem dos acontecimentos. Esses símbolos reforçam a importância do estudo do passado não apenas como um esforço de resgate da memória, mas também como uma ferramenta crítica para o entendimento do presente e a construção de narrativas sobre o futuro.

Além de seu papel como guardiã da história, Clio e suas irmãs habitavam o Monte Hélicon, sob a proteção de Apolo, e eram vistas como fontes de inspiração para as artes e as ciências. Seu domínio se estendia para além do relato factual, envolvendo a oratória e a eloquência, elementos essenciais para as relações políticas e o debate público. A capacidade de "contar" bem uma história, e de transmiti-la de forma convincente, é outra dimensão de Clio que continua a ressoar nos estudos contemporâneos sobre a natureza da narrativa histórica.



O mito também atribui a Clio um papel nas narrativas amorosas e de vingança, como na versão em que ela teria sido mãe de Jacinto, fruto de sua relação com o mortal Piero, punição imposta por Afrodite. Essa dimensão da deusa ilustra sua conexão com temas que ultrapassam o relato histórico puro e simples, conectando-se a narrativas mais amplas de paixão, tragédia e redenção, sugerindo que a história, assim como a mitologia, é tecida por forças complexas e muitas vezes imprevisíveis.

Finalmente, a figura de Clio como a musa dos historiadores destaca o valor perene do registro do passado para a compreensão do presente. O livro de Tucídides em suas mãos simboliza a tradição histórica e a necessidade de um estudo rigoroso e meticuloso dos eventos, enquanto a trombeta sublinha a propagação da fama e a necessidade de que as lições do passado sejam transmitidas e ouvidas. Nesse sentido, Clio nos recorda que a história não é apenas um conjunto de fatos, mas uma construção narrativa que molda nossa compreensão do mundo, orientando a forma como organizamos e interpretamos o real.

A figura de Clio transcende sua representação mitológica, simbolizando as interações complexas entre história, memória, poder e identidade na historiografia contemporânea. Ela nos lembra que a história não é apenas um registro do que ocorreu, mas uma construção ativa que reflete as escolhas, as retóricas e as vozes das sociedades. Os historiadores, ao confrontarem a figura de Clio, são desafiados a considerar como suas narrativas influenciam a compreensão do passado e, por sua vez, como essa compreensão molda o presente e o futuro. Dessa forma, a história se configura como uma disciplina viva, em constante diálogo com as realidades contemporâneas.

Nesse contexto, a abordagem atual da história enfatiza a pluralidade de narrativas e a necessidade de incluir vozes diversas, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas ou silenciadas. O reconhecimento de que a história é uma construção social implica que cada narrativa pode ser reinterpretada e recontextualizada à medida que novas perspectivas e interpretações emergem. Essa dinâmica não apenas enriquece nosso entendimento do passado, mas também nos capacita a questionar e desafiar as estruturas de poder que moldam as narrativas dominantes.



Além disso, a figura de Clio incita uma reflexão crítica sobre a ética da historiografia. Ao contar a história, o historiador não apenas narra eventos, mas também toma decisões que impactam a forma como as sociedades se lembram de seu passado. Essa responsabilidade ética implica um compromisso com a verdade, a justiça e a inclusão, sublinhando que a forma como a história é contada pode tanto perpetuar desigualdades quanto promover a equidade.

Assim, ao reexaminar a figura de Clio sob a luz das abordagens feministas e pós-coloniais, somos instigados a repensar os contornos da historiografia contemporânea. É imperativo que os historiadores reconheçam seu papel não apenas como cronistas de eventos, mas como agentes ativos na construção de narrativas que moldam a percepção coletiva e que, em última instância, podem contribuir para um legado histórico mais justo e inclusivo. Essa reflexão contínua é essencial para que possamos avançar em direção a uma compreensão mais rica e multifacetada da condição humana, onde todas as vozes são valorizadas e respeitadas.

REFERÊNCIAS:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DUBY, Georges. A História Continua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ed. UFRJ, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 27. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GENTILESCHI, Artemisia. *Clio, la Musa della Storia (La fama)*. 1632. Óleo sobre tela, 127,6 cm x 97,2 cm. Cassa di Risparmio di Pisa, Pisa, Itália. Disponíveis em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Clio#/media/File:Gentileschi,_Artemisia_-_Clio_-_1632.jpg Acesso em 29/09/2024.

LERNER, Gerda. *The Creation of Feminist Consciousness: From the Middle Ages to Eighteen-seventy*. New York: Oxford University Press, 1993.

LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. New York: Oxford University Press, 1986.

MIGNARD, Pierre. Clio. 1689. Óleo sobre tela. 143,5 cm x 115 cm. Museu de Belas Artes de Budapeste, Hungria. Disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Clio-Mignard.jpg Acesso em 29/09/2024.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984-1992. 3 v.

NORA, Pierre. **Os lugares da memória**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993-1999. 3 v.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Pantheon Books, 1978.



SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCOTT, Joan W. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988.

SCOTT, Joan W. *Gênero e a política da história*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Bauru: EDUSC, 1995.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX na Europa. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora EDUSP, 1995.

WHITE, Hayden. **Metahistory**: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973.



RIO QUE JÁ NÃO É DOCE. O OLHAR DECOLONIAL DE AILTON KRENAK ÀS MARGENS DA LAMA.

Nicolas Jesus Severino de Resende, Draulio Carvalho de Asis

Resumo Simples:

O rio flui em seu fluxo natural e vai se inventando, se construindo, se descobrindo, se delineando em margens que o influenciam e são influenciadas. Suas águas passam; são a fluidez do passado que tornam presente em sua correnteza ou placidez conduzirão ao futuro. Em suas enchentes ele cria outras vazantes, outras nascentes, descontinuidades que fluem em outras direções. Ele como sujeito histórico inventa sua realidade e sua narrativa que influi e reflui em outras histórias e representações. Esse rio pode ser tantos rios, e um dos que grita que forma um vale, é o Rio Doce em Minas Gerais, de onde se viu de suas margens uma barragem cheia de lama cheia de resíduos de mineradora se romper e irromper sobre suas águas em 2015 (Mariana) e em 2019 (Brumadinho). Podemos sair daqui, do caos, da lama que o passado afeta, organizar conhecimentos, compreender as representações e imaginários para desorganizar a lógica de continuidades e progressivas ideias que insistem em se perpetuar. Então, pensemos como Durval Muniz de Albuquerque Júnior uma terceira margem "primeiro pensar que a História não se passa apenas no lugar da natureza, da coisa em si, do evento, da matéria ou da realidade, nem se passa apenas do lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa; mas se passa entre elas, no ponto de encontro e na mediação entre elas, no lugar onde estas divisões ainda são indiscerníveis, onde estes elementos e variáveis se misturam". ALBUQUERQUE JUNIOR, p. 28, 2007). Dessa terceira margem, a voz de Ailton Krenak, do povo Krenak, às margens do rio Doce (que sentiram e vivenciaram o drama dessas tragédias), articula, desarticula, organiza e desorganiza todas essas narrativas com seu "pensamento selvagem" (LÉVI-STRAUSS, 2016. Diante de um mal-estar da pós-modernidade (BAUMAN, 1998), ou onde "tudo que é sólido desmancha no ar" (BERMAN, 2000) que se armazena assim, significados em símbolos, ethos e visões de mundo (GEERTZ, 2008), a voz e o grito de Ailton Krenak articulam não só a relação passado-presente, mas o "futuro ancestral" (KRENAK, 2022). Como assim? Como ele



articula passado-presente-futuro? Como é possível essa prospecção e desconstrução em uma relação de colonialidade e decolonialidade? Dessa margem esse artigo busca articular e entender esses processos históricos em seus imaginários e representações, onde parece que “a vida não é útil” (KRENAK, 2020), na tentativa de trazer “ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Palavras-Chave

colonialidade, decolonialidade, imaginário, pensamento selvagem, representação, símbolos.



PROPAGANDA, CONSUMO E ART POP NA OBRA DE ANDY WARHOL

Priscila Gabriela Theodoro*

Resumo Expandido:

A propaganda está intrinsecamente atrelada aos padrões de consumo da vida em sociedade. Não é por acaso que diversos filmes e séries televisivas, acessíveis a diferentes camadas sociais, exploram essa temática. A série *Mad Men*, por exemplo, retrata o consumo "desenfreado" das donas de casa no final dos anos 50 e início dos anos 60, ilustrando como a publicidade, veiculada nos principais meios de comunicação da época, foi fundamental para esse fenômeno. Analisar as artes marcantes de consumo de décadas passadas é relevante, pois elas revelam a curiosidade e o fascínio pelo consumo que se perpetua até os dias atuais. Vários artistas exploraram a cultura popular, criticando esses padrões, e Andy Warhol, o foco deste trabalho, é um dos mais destacados.

Este estudo nasce de meu interesse pelo consumo e pela propaganda na arte contemporânea, especialmente na obra de Andy Warhol. Fascina-me observar como o capitalismo influencia não apenas nosso cotidiano, mas também nossa expressão artística. Como entusiasta de publicidade e propaganda, percebo que o período em que Warhol viveu foi intensamente marcado pela influência dessas duas linguagens. A arte de influenciar por meio da imagem e de traduzir o sentimento de necessidade e consumo me levou a questionar a eficácia e os mecanismos desses incentivos.

O boom econômico do pós-guerra gerou um sentimento de urgência em praticamente todos os indivíduos. O medo de não existir ou de morrer sem usufruir bens materiais dominou as pessoas que vivenciaram a guerra, e a necessidade de acumulação primária foi propagada principalmente pelas mídias, que antes noticiavam tragédias e depois apresentavam produtos como utensílios domésticos, automóveis e eletrodomésticos, despertando desejo. A escolha de Warhol e do movimento Art Pop como foco de pesquisa está relacionada ao modo como essa arte questiona as fronteiras

* Graduanda em História pela Universidade Federal de Jataí (UFJ) bolsista do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



entre a "alta" e a "baixa" arte, rompendo com convenções tradicionais sobre o que é considerado arte. Warhol, mais do que qualquer outro artista de seu tempo, transformou o ordinário em extraordinário, expondo as contradições e os excessos da sociedade de consumo.

O Art Pop transcende a mera representação visual; ele incorpora as ansiedades, desejos e valores de uma sociedade imersa no consumo e na propaganda, oferecendo uma perspectiva única para entender como a economia, a cultura e a arte se entrelaçam profundamente. Esse movimento eleva produtos cotidianos – antes vistos como itens de utilidade – ao status de arte. Latas de sopa Campbell, garrafas de Coca-Cola e retratos de celebridades se tornaram, nas mãos de Warhol, não apenas ícones da cultura de massa, mas metáforas da maneira como o consumo molda a identidade das sociedades modernas.

A análise da obra de Warhol se justifica pelo contexto em que vivemos, imersos em um consumismo ainda mais exacerbado do que o retratado pelo artista. As imagens que consumimos diariamente – nas redes sociais, na televisão ou em outdoors – continuam moldando nossa percepção da realidade e definindo o que consideramos valioso, influenciando nossos gostos e nossa rotina, impactando profundamente o ambiente ao nosso redor. Estudar Warhol é, portanto, uma maneira de entender não só a arte do século XX, mas também de refletir sobre o impacto do consumo e da propaganda em nossas vidas no século XXI. Warhol, considerado um mago da Art Pop, introduziu na arte a crítica ao consumismo exacerbado, explorando a cultura de massa.

A Segunda Guerra Mundial foi um divisor de águas não só na história global, mas também na relação das sociedades ocidentais com o consumo. O período pós-guerra, conhecido como a Era de Ouro do capitalismo, marcou o início de um boom econômico que fez do consumo uma força motriz para o desenvolvimento social e econômico. Nesse período, a produção em massa e a crescente influência da publicidade moldaram novas culturas de consumo, consolidando o capitalismo como sistema dominante.

Nesse contexto, surge a Pop Art, um movimento que reflete e critica a cultura de consumo emergente. Artistas como Andy Warhol usaram imagens da mídia e do consumo cotidiano para questionar a superficialidade e a comercialização da vida moderna. Warhol



destacou-se ao transformar produtos comuns e ícones culturais em arte, revelando as contradições da cultura de consumo.

A propaganda, tanto no pós-guerra quanto na contemporaneidade, desempenhou um papel crucial ao influenciar comportamentos e moldar aspirações. Na era pós-guerra, campanhas publicitárias promoviam bens de consumo e ideais de vida, enquanto hoje, o marketing digital e a presença constante da mídia ditam tendências e desejos. Esse impulso pelo consumo, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, marcou a ascensão dos EUA como maior potência econômica global. A aplicação de políticas como o Plano Marshall beneficiou a economia americana, impulsionando a produção industrial e democratizando o acesso a bens como automóveis e eletrodomésticos.

Com a obsolescência planejada, o consumo contínuo foi incentivado, e a publicidade se tornou essencial para as corporações. Campanhas como "I'd Like to Buy the World a Coke" e "See the USA in Your Chevrolet" criaram marcas fortes e uma conexão emocional com os consumidores. A televisão consolidou-se como meio crucial, moldando comportamentos de consumo.

A explosão do consumo e da cultura de massa encontrou expressão artística na Pop Art. Andy Warhol, junto com Roy Lichtenstein e Claes Oldenburg, trouxe produtos de consumo e ícones pop ao centro do debate artístico. Warhol, em particular, destacou-se com suas serigrafias de latas de sopa Campbell e retratos de Marilyn Monroe, criticando e celebrando a cultura de consumo. Com cores vibrantes e técnicas de reprodução em série, a Pop Art não só refletiu a realidade do consumo de massa, mas também ofereceu uma crítica à superficialidade dessa cultura. Warhol, com sua abordagem ambígua, sugeriu que a cultura moderna havia se tornado superficial e desumanizadora.

O boom econômico pós-guerra consolidou o capitalismo e redefiniu o papel do consumo na sociedade. Através da arte, publicidade e propaganda, criou-se uma cultura onde sucesso e identidade passaram a ser medidos pelo consumo. Warhol, com sua fusão entre arte e consumo, questionou e moldou nossa percepção desses temas, deixando um legado relevante para a era contemporânea.



Em meio às cores saturadas e linhas repetitivas, a obra de Andy Warhol nos confronta com um espelho perturbador – um reflexo que devolve não apenas nossa sede de consumo, mas também a fragilidade de nossas aspirações e identidade. O Art Pop, ao captar a trivialidade cotidiana e transformá-la em arte, redefine as fronteiras entre o comum e o sublime, entre o desejo e a ilusão. Warhol, em sua ambiguidade calculada, revela uma sociedade que se alimenta da imagem, enquanto dissolve suas próprias complexidades no verniz da superfície.

Ao elevar produtos e celebridades ao status de arte, Warhol nos provoca a pensar se o valor reside na obra ou na notoriedade, se nossa admiração se dirige à imagem ou ao conceito que projetamos nela. A cada serigrafia, ele questiona o que constitui o valor e a essência do que chamamos de cultura. O consumo, transformado em ritual, e a propaganda, elevada a discurso estético, moldam nossa percepção do real, evocando tanto fascínio quanto crítica.

Ao revisitarmos o legado de Warhol no século XXI, percebemos que a obra continua a dialogar com o presente. Hoje, quando redes sociais e algoritmos capturam e replicam nossos desejos, Warhol se torna mais atual do que nunca. Sua arte se insinua nos pixels e nos outdoors, reafirmando que somos todos, inevitavelmente, produtos e consumidores de uma mesma narrativa global, prisioneiros e autores do espetáculo que compomos.

Assim, compreender Warhol é mais do que um exercício estético; é uma forma de desvendar o impacto do consumo e da propaganda em nossas vidas, lembrando que a arte, em sua função mais essencial, é sempre um convite a ver para além das superfícies.



A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS EM GOIÁS NO SÉCULO XIX, NAS NARRATIVAS DE JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL

Rodrigo Ferreira*

Resumo Simples:

O presente projeto de pesquisa analisa a produção de alimentos na província de Goiás no século XIX a partir da narrativa de Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) registradas em seu livro *Viagem no Interior do Brasil. Empreendida nos Anos de 1817 a 1822 e Publicada por Ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*, edição original de 1837 e primeira edição no Brasil em 1951 pelo Instituto Nacional do Livro. As narrativas que se encontram no livro, fonte e objeto desta pesquisa, são frutos da viagem que Pohl realizou por Goiás entre 1819 e 1821. Identificamos o contexto da produção de alimentos em Goiás nesse período e os sujeitos na conjuntura local, envolvidos com tal produção. A partir do relato de viagem de Pohl, é possível observar quais eram, e como eram produzidos os alimentos nos arraiais de Goiás no século XIX. Pohl esteve no Brasil entre 1817 e 1821 e veio como um dos integrantes da missão austríaca quando do casamento de Pedro de Alcântara, futuro Dom Pedro I, e a arquiduquesa da Áustria Maria Leopoldina. A viagem de Pohl pela província goiana foi no contexto do fim do Ciclo do Ouro quando a população buscava alternativas de subsistência. A produção de alimentos já estava presente entre a população da província desde a chegada dos primeiros invasores brancos no século XVIII e foi aos poucos se tornando a principal atividade econômica de Goiás. Os viajantes que passaram pela região falaram desta produção de gêneros alimentícios. O trabalho objetivou compreender como se deu a “transição" de uma economia de minas para uma economia agropastoril em contranarrativa da decadência; mostrar e identificar o que se produzia e o que se consumia de alimentos em Goiás quando da visita de Pohl.

* Aluno de graduação do Curso de História da Universidade Federal de Jataí. Bolsista de Iniciação Cientifica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.



COSTURANDO MEMÓRIAS: MODA E RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM ZUZU ANGEL (1970-1976)

Thaylla Romarya Bronholo Silva

Resumo Simples:

O presente trabalho propõe analisar a figura da estilista Zuzu Angel, destacando sua atuação como uma forma de resistência ao regime militar brasileiro (1964-1986). Inserida no momento histórico da Ditadura Militar, essa pesquisa visa compreender como a moda pode ser um meio de expressão cultural, social e política, funcionando também como uma ferramenta de protesto e conscientização. O foco recai sobre a luta de Zuzu Angel contra a repressão, violência e censura instauradas durante o período, evidenciando como suas criações ultrapassaram o mundo da moda, tornando-se um ato de denúncia e memória. Buscamos contextualizar a importância de Zuzu Angel não apenas como estilista, mas também como uma mulher que se transformou em um símbolo de memória e justiça para com seu filho, Stuart Angel (1971), e as demais vítimas deste sistema. Ademais, incluiremos a relevância de suas criações e a necessidade de investigar as estratégias que ela utilizou para driblar as ações do regime ditatorial, além de evidenciar o impacto de seus desfiles na sensibilização sobre os acontecimentos da época. Os objetivos da pesquisa são claros e abrangem a compreensão dos feitos de Zuzu Angel, seu legado na área da moda e na área da História, e a forma como seu trabalho transmitia mensagens de liberdade e justiça, somando assim às suas ações no meio governamental da década de 1970. A proposta principal é a de examinar as peças de roupa de Zuzu (além dos documentos referentes ao assassinato de Stuart), disponíveis em seu acervo digital (Casa Zuzu Angel), e que comunicam seus anseios em relação à perda do filho através das cores, estampas, símbolos e demais detalhes presentes nas vestimentas produzidas. Por fim, ao estudar como a estilista utilizou sua arte para expressar sua militância, tanto como mãe de um desaparecido político, quanto como profissional da moda, torna-se possível compreender essa personagem, considerada por muitos historiadores, a frente de seu tempo e de suas dores.

Palavras-Chave: Resistência, memória, moda, História



HISTÓRIA DO NAZI-EXPLOITATION: MEMÓRIA E ASSIMILAÇÃO DA EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA NO CINEMA DE GÊNERO

Yuri Alves Oliveira*

Resumo Expandido:

Introdução

O projeto de pesquisa "História do nazi-exploitation: Memória e assimilação da experiência traumática no cinema de gênero" analisa o surgimento e desenvolvimento do cinema nazi-exploitation, utilizando da análise fílmica como método de pesquisa, além da leitura de autores que discutem a relação entre cultura, historiografia e filosofia, como: Susan Sontag, George Bataille, Marc Ferro e Maria Helena Capelato, entre outros.

Discussões e resultados

Este projeto de pesquisa constitui-se imediatamente como um projeto em estado embrionário, logo, a pesquisa pode sofrer mudanças em todos os níveis. O objetivo central do projeto de pesquisa é analisar o fenômeno cinematográfico intitulado "nazi-exploitation" desde seu surgimento, com ênfase na produção da indústria francesa, estadunidense e italiana, desde a década de 30, com o filme-propaganda antinazista "Hitler: Beast Of Berlin" de 1939, dirigido por Sam Newfield, onde um grupo de alemães idealistas lutam contra o regime.

O projeto também compreende a relação do processo de assimilação traumática, fetichismo e erotismo com o desenvolvimento do gênero, que alia propaganda anti-nazista com elementos do gênero terror e sex-ploitation, um gênero comumente associado ao nazi-exploitation. O detalhamento do sofrimento e das punições físicas ambientadas nos campos de concentração, a figura feminina dominadora, como a de Ilsa no clássico do gênero "Ilsa, She Wolf of the SS" traduzido para o Brasil como "Ilsa, a Guardiã Perversa

* Graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí – UFJ. yuri.oliveira@discente.ufj.edu.br.



da SS" de 1975, dirigido por Don Edmond, o longa-metragem narra a história da "femme-fatale" Ilsa, a sádica comandante de um campo de concentração, que se envolve com os prisioneiros, esterilizando aqueles incapazes de satisfazer seus desejos.

Outro longa considerado clássico para a construção do conceito de "nazi-exploitation" é "Il Portiere di Notte" traduzido para o português como "O Porteiro da Noite", dirigido por Liliana Cavani e lançado em 1974, o filme é ambientado no pós-guerra, onde uma sobrevivente de um campo de concentração reencontra seu amante e algoz trabalhando como concierge de um hotel em Vienna.

A espinha dorsal do trabalho se encontra na questão da história do nazi-exploitation e as ramificações de sua existência como elemento da experiência traumática, o erotismo e a produção de caráter pornográfico do gênero são elementos construtores para o desenvolvimento da questão acerca da memória e do estabelecimento de uma figura autoritária e fascista como dispositivo de expurgo dos aspectos mais violentos e repulsivos experienciados durante o Terceiro Reich.

O projeto estabelece marcos metodológicos essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa pautada sobre o cinema como fonte, a análise fílmica é o marco fundamental, junto à heurística historiográfica desenvolvida sobre uma curadoria de filmes do gênero, dados de bilheteria, locais de exibição e críticas publicadas em periódicos da época. A pesquisa bibliográfica também é de importância inestimável, mesmo enfrentando uma carência hercúlea com o déficit de publicações em português, livros e artigos como "Nazisploitation!: The Nazi Image in Low-Brow Cinema and Culture" dos pesquisadores Daniel H. Magilow e Elizabeth Bridges.

A pesquisa bibliográfica também orienta-se sobre publicações acerca da historiografia e sua relação com o cinema, possibilidades de pesquisa e o cinema como fonte, como "Cinema e História" de Marc Ferro, além de obras que contemplem os conceitos de erotismo e experiência, com relativo enfoque nas obras escritas pelo filósofo francês George Bataille e considerações sobre cultura de Susan Sontag.

Sobre a análise fílmica destaco as obras "Análise fílmica" de Frances Vanoye e Anne Goliot-Lété e "História e Cinema: Dimensões Históricas do Audiovisual" de Maria Helena Capelato.



O caráter embrionário deste projeto de pesquisa limita a discussão de seus resultados, contudo, fazemos uso deste espaço para estabelecer uma discussão, ainda tímida, sobre o objetivo central da pesquisa, a necessidade de empreender em uma produção historiográfica consciente, ousada e irrepreensivelmente importante para a compreensão do desenvolvimento de uma retórica simbólica fascista em sua plenitude no século XXI, o que se perdeu do espírito satírico das obras do "nazi-exploitation" e até onde filmes do gênero contribuíram para a desconstrução do peso simbólico da estética nazista.

Considerações finais

Detenhamos às considerações finais o trabalho revisionista do historiador, especialmente ao visitar um material nublado pelo tempo e escondido sob uma camada superficial de distanciamento do agora, visto como um produto datado de seu tempo, sem nenhuma possibilidade de utilização na contemporaneidade, rompemos com essas ideias ao afirmar e reiterar nosso compromisso ao desenvolver uma pesquisa consciente de seu objeto e destrinchar os elementos que compõem a experiência do fenômeno "nazi-exploitation" como um doloroso processo envolto em uma camada de complexidades que não só valem a pena serem estudadas, como são um objeto de pesquisa de uma riqueza incompreensível, pelo menos em língua portuguesa.



ST3. Instituições escolares, materiais didáticos, ensino de História: limites, desafios e possibilidades
Coordenadoras: **Dra. Sandra Nara Novais** & **Mestranda Larissa Barth.**

CAMINHOS PARA EMACIPAÇÃO EM GOIÁS: O JORNAL "A TRIBUNA LIVRE" E OS DEBATES SOBRE A ABOLIÃO DA ESCRAVIDÃO

Ana Paula Silvino

Resumo Simples:

Nas décadas de 1870 e 1880 as pressões para a libertação dos/as escravizados/as aumentaram. Temos, nesse momento, discussões acirradas no Parlamento, criação de sociedades emancipadoras, imprensa abolicionista e outras instituições e órgãos que se articularam com a intenção de pensar o fim da escravidão no Brasil. Além de todas essas entidades, escravizados/as, libertos/as e negros livres foram sujeitos/as ativos/as no processo emancipacionista, promovendo ações diversas e inclusive participando, quando possível, das organizações e movimentos mencionados anteriormente. A imprensa nesse período teve um papel importante, destacadamente o jornal "A Tribuna Livre", que pertencia à família dos Bulhões e tornou-se um importante instrumento de parte do movimento abolicionista em Goiás. Procuramos analisar como o referido periódico encaminhou em suas páginas as discussões sobre o fim da escravidão em Goiás. O jornal circulou entre os anos de 1878 a 1884 e teve como colaboradores e editores: José Leopoldo de Bulhões Jardins, Bernardo A. de Faria Albernaz, Antônio Xavier de Barros e José do Patrocínio Marques Tocantins. Metodologicamente, examinamos os aspectos materiais da fonte, a sua historicidade e suas condições de produção, para em seguida nos atentarmos ao conteúdo do periódico, interrogando os discursos relacionados à abolição e os significados que adquiriam para o período. Com a pesquisa percebemos que o jornal preocupou-se em divulgar em seus editoriais e demais espaços, notícias e desdobramentos relacionados a Lei do Ventre Livre, cartas ou ações de liberdade e encaminhou defesa pelo fim da escravidão no país. Embora a presença de jornais de cunho liberal e críticos da escravidão não fossem incomuns no Brasil neste momento, é importante destacar a presença de José do Patrocínio Marques Tocantins, homem negro, abolicionista e importante expoente da imprensa goiana, cuja presença em espaços como as redações de jornais, indica para a ação de homens e mulheres negras contra a escravidão no país.

Palavras-Chave
Abolição, Impressa, Política, emancipação.



ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E LIVROS DIDÁTICOS

Crisnamurte Alves, Suely Moreira Borges Calafiori

Resumo Simples:

Este trabalho parte de um recorte da minha dissertação de mestrado, intitulada: Colonialidade do saber: narrativas e iconografias indígenas nos livros didáticos de História do Colégio Estadual Ana Algemira do Prado, em Palestina de Goiás. Abordarei aspectos do ensino de História e como este tem considerado sua importância na formação de pessoas através da perspectiva decolonial. Deste modo, observando como este ensino tem considerado os povos indígenas brasileiros em relação ao processo histórico e étnico. Faz-se, também, um breve histórico acerca da constituição dos materiais didáticos e, em específico, sobre o livro didático de História, englobando ainda livros complementares, documentos, cartilhas, entre outros, os quais têm servido de base para o ensino no Brasil. Essa caracterização foi importante para que assim, o/a leitor/a possa ter um panorama sobre os processos de rupturas e continuidades acerca das narrativas e iconografias tratadas neles. Para isso, através da revisão da literatura, apresentarei reflexões sobre a origem e discussão do ensino de História, os livros didáticos enquanto suportes de poder da educação e como a disciplina História tem sido vista e discutida numa linha temporal. Nesse sentindo, pretende-se colocar em evidência uma reflexão acerca da disciplina História e sua trajetória de ensino e seu suporte didático. Assim, faz-se importante a articulação entre ensino de História e livros didáticos, discutindo que a prática da pesquisa acerca do ensino de História é relativamente recente, mas vem ganhando respaldo maior na contemporaneidade, com estudos mais aprofundados sobre o currículo e sua formação. A construção de um currículo é demasiado importante por contemplar todos do contexto educacional, incluindo gestores, professores e discentes. E, por lado, deve-se também pensar quem recebe e é tocado por um currículo. No entanto, ele não atende aos interesses de todos os envolvidos, assim parte dos grupos, como indígenas, descendentes de africanos, mulheres são excluídos deles.

Palavras-Chave

Livro Didático, Colonialidade, Ensino de História



O LUGAR DA POPULAÇÃO NEGRA NA BNCC E NO DOCUMENTO CURRICULAR PARA GOIÁS: CONCEPÇÕES, PROPOSTAS E SILENCIAMENTOS

Débora Costa Martins•
Murilo Borges Silva••

Resumo Expandido:

Introdução

A primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi publicada em 2015, após um longo período de discussões entre professores, alunos, parlamentares e comunidade geral. O texto da BNCC tem como uma de suas intenções o disciplinamento de diretrizes curriculares para serem implementadas em todo o país. Trata, ainda, das aprendizagens indispensáveis aos alunos da Educação Básica e das habilidades e competências que deverão desenvolver durante cada etapa escolar. A elaboração dos textos que compõe a BNCC fora discutida em seminários e grupos de trabalhos que envolveram profissionais da educação de diferentes localidades do país. Apesar da aparente participação ampliada na construção do documento, muitas críticas foram direcionadas a esse processo. No âmbito do conhecimento histórico, uma das críticas diz respeito a reafirmação de um conhecimento eurocentrado, linear e cronológico.

> a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2017, p. 5).

Durante a construção da BNCC e como exigência protocolar necessária, os estados da federação tiveram que (re)elaborar seus currículos a partir das definições presentes na BNCC. Em Goiás, estas discussões começaram a acontecer conjuntamente

• Estudante do Curso de História da UFJ – Instituto de Ciências Humanas e Letras. Voluntaria do Programa de Iniciação à Pesquisa Das Licenciaturas - Prolicen. E-mail: debora.martins@discente.ufj.edu.br
•• Professor do Curso de História da UFJ (orientador) – Instituto de Ciências Humanas e Letras. E-mail: murilo_borges_silva@ufj.edu.br



aos debates da própria base curricular. O resultado deste percurso é materializado no texto intitulado Documento Curricular para Goiás (DC-GO), publicado em 2018. A despeito da semelhança com a BNCC, o DC-GO objetiva apresentar as habilidades e objetivos de aprendizagens e desenvolvimento para a educação do estado de Goiás, ou seja, busca tornar a aplicação da BNCC viável para o estado, considerando as particularidades da região.

Discussões e resultados

Analisando o currículo como uma forma de poder, é possível enxergar a BNCC como um órgão regulador, pois "cumpre um papel radical de regulação externa" (FRANCO; SILVA JUNIOR; GUIMARÃES. 2018), ao determinar os conteúdos, métodos e ordem a ser aplicada nos livros didáticos da disciplina de história. Esse tipo de aplicação delimita e padroniza o ensino, não havendo brechas para inserir a mudança ou diálogos divergentes do que já está proposto. Os autores ainda estabelecem que, apesar de haver em sua conjuntura elementos e questões relacionadas às diferenças e a diversidade cultural, se perpetua um discurso homogeneizado.

O currículo se modifica de acordo com as discussões que ocorrem na sociedade, a partir dos conflitos e tensões recorrentes, podendo expressar conquistas de um certo grupo por meio de movimentos sociais e educacionais. A regulamentação da lei 10.639/03[13] é um exemplo, tornando obrigatório o ensino da história da África e história e cultura afro-brasileira, a lei exige que os currículos escolares contribuam com propostas para o ensino de história da população negra. Embora exista a lei, vemos que dentro dos currículos as questões associadas ao ensino de história da África e afro-brasileira ainda é vago e estereotipado.

O currículo é também uma construção dinâmica e que se modifica de acordo com as discussões que acontecem ao seu redor, é um produto advindo de conflitos e tensões recorrentes dentro e fora da sala de aula, podendo ser interpretado como um

[13] Lei promulgada em janeiro de 2003 torna-se obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, inclusão do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.



mediador entre escola e sociedade. O ensino em sala de aula deveria caminhar de acordo com o que alunos e professores evidenciam fora do ambiente escolar, usando como problemática a ser discutida em sala, porém os conteúdos dispostos no currículo muitas vezes não contemplam as problemáticas diárias de alunos e professores, sendo muitas vezes alheio aos movimentos sociais que transpassam o ambiente escolar

A terceira versão da BNCC publicado em abril de 2017, tão pouco superou o discurso estereotipado proposto pela primeira versão e corrigido em partes na segunda, havendo um retrocesso ao notar que grande parte das discursões feitas por alunos, professores e pesquisadores foram ignoradas e que o currículo voltou a estabelecer um ensino linear apresentando a história pelo olhar do colonizador, ao focar em conflitos e acontecimentos europeus. A tabela abaixo foi feita com o objetivo de explicitar o conteúdo localizado.

BNCC (2017)	DC-GO (2018)
(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.	(GO-EF07HI16-B) Compreender os processos históricos de resistência de africanos escravizados no Brasil e em Goiás, como também, por seus descendentes, desde as formas individuais e coletivas no passado, até os dias atuais.
(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.	(GO-EF08HI14-A) Entender o papel da escravidão africana para o mundo do trabalho no século XIX e sua relação com o comércio, economia interna, colônia, e externa, Transatlântico. (EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas. (GO-EF08HI14-B) Identificar as consequências vividas por populações afrodescendentes e indígenas egressas da tutela colonial e da escravização, na atualidade, problematizando as formas de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.
(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.	(GO-EF09HI36-A) Conhecer e problematizar as políticas públicas afirmativas para populações remanescentes e descendentes de minorias étnicas no Brasil e em Goiás, nas últimas décadas.



(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.	

A partir da avaliação observa-se que não há um espaço para uma discussão do ponto de vista decolonial, o texto não abre brecha para essa narrativa e parece dar preferência ao discurso do colonizar, como no primeiro ponto ao optar por identificar os agentes responsáveis pelo tráfico invés de buscar, por exemplo, histórias contatados escravizados. A BNCC nesse sentido, reafirma o pensamento colonial, recolocando a história da população negra como subserviente a europeia, os sujeitos são apresentados como dependentes ou objetivados.

Considerações finais

A importância da compreensão dessa discussão nos leva ao fato de que essa maneira de ensino e delimitações são feitas com um propósito, pois o currículo é um mecanismo de poder que pode ser usado para influenciar a opinião pública. Considerando que além da família, a escola é um dos primeiros estágios na inserção dos indivíduos dentro da sociedade, estando presente na formação dos alunos desde o início da vida, logo, o currículo é um importante instrumento de poder. Ao menos uma parcela dos conteúdos lecionados em sala de aula servirá de auxílio na forma como o indivíduo se apresenta e se mostra na sociedade, afetando da mesma forma o senso comum e crítico.

Com base nas análises das habilidades da BNCC e do DC-GO, nota-se uma narrativa generalista ao tratar a história afro-brasileira, sem aprofundamento nas questões, apresentando um discurso mais amplo e geral. O uso de palavras como: tutela, mecanismos, agentes responsáveis, papel da escravidão, consequências e formação econômica; evidenciam a continuação da propagação deste discurso estereotipado de uma história negra voltada apenas para a escravidão, ao mesmo tempo em que inferioriza trazendo a questão da tutela e colocando os escravizados como subservientes e por fim, um discurso que justifica as práticas escravistas ao falar sobre a formação econômica.



Comparando os currículos é possível notar que a Base Nacional Comum Curricular traz conteúdos mais amplos, enquanto o Documento Curricular para Goiás especifica alguns conteúdos, agindo como uma extensão do currículo nacional. Em ambos os documentos, há uma ausência de questões relacionadas a agência dos escravizados e suas ações enquanto ações políticas, indicando uma espécie de submissão ou passividades diante das atrocidades da escravidão, sem considerar as complexas redes de relações de sociabilidades e solidariedade forjadas entre os distintos sujeitos sociais, durante a vigência da escravidão e após seu fim.

Referências

ABUD, Kátia. Currículos de História e Políticas Públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
CARVALHO, J. J. de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 79-106.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CUNHA, Olívia Maria da; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Quase cidadãos**: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FRANCO, A. P.; SILVA JÚNIOR, A. F.; GUIMARÃES, S. Saberes históricos prescritos na BNCC para o ensino fundamental: tensões e concessões. **Ensino em Re-Vista**. Uberlândia, v. 25, 2018, p. 1016-35.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás**: Educação Básica. Goiânia: Secretaria de Estado da Educação, 2018.



GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). **Experiências da emancipação**: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980). São Paulo: Selo Negro, 2011.

GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). **Políticas da raça**: experiências e legados da abolição e da pós emancipação no Brasil. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

MACHADO, Maria Helena P. T; CASTILHO, Celso Thomas (orgs.). **Tornando-se livres**: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. Tabula Rasa [online]. n. 9, 2008.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. As discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular de História: entre polêmicas e exclusões (2015-2016). **Revista Crítica Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 31–61, 2017. DOI: 10.28998/rchvl8n15.2017.0003. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/3537. Acesso em: 24 abril. 2024.

SACRISTAN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.

SANTOS, Ynaê Lopes do. **História da África e do Brasil Afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

XAVIER, Regina Célia Lima (org.). **Escravidão e Liberdade**: temas, problemas e perspectivas de análise. São Paulo: Alameda, 2012.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ATO INSTITUCIONAL Nº5 E A POESIA DE CACASO

Laínny Chaves Oliveira*

Resumo Simples:

Pensando nos diferentes usos das linguagens, segundo Azevedo e Lima (2011), contribuiu para a aproximação da pesquisa com o ensino básico. Portanto, partir de um ensino articulado com a iniciação à investigação, contribui para uma aprendizagem significativa do aluno, pois são saberes à leitura e compreensão do mundo que o cerca. Segundo Pereira e Seffner (2018), a desenvoltura do ensino de história latino americano pode se estabelecer em conexão com outros campos de pesquisa e ensino, se utilizando das diversas estratégias de aprendizagem. Contudo, em relação aos temas sensíveis e controversos dentro do ensino de história, Pereira (2017), aponta uma conjuntura de resistência, uma vez que questões passadas e o passado vivo que não passa e nos atravessam no tempo presente "desestrutura a temporalidade progressiva e evolucionista da História eurocentrada" (Pereira; Seffner, 2018, p. 20). O estudo e a suposição do passado vivo nos proporciona pensar algumas urgências hoje no ensino de história, de acordo com Pereira e Seffner (2018), há duas urgência: as questões sensíveis e a diferença, no qual nos permite discutir o pertencimento, a necessidade de reconhecimento numa determinada história, a autoafirmação dos jovens, e, também, o de estranhamento, pois segundo os autores, quando o passado não se relaciona com o presente não significa que isso esteja totalmente distanciado da vida de cada um, mas que há um sentimento de pertencimento em contraponto a esse passado que é estranho. Em vista disso, esse sentimento de estranheza permite a problematizaçãodo presente e imaginar experiências ainda imprevisíveis. Dessa maneira, é necessário a organização de um currículo ou de uma aula de história que potencialize os temas desestruturantes a esses jovens e a sociedade brasileira, para que seja possível a compreensão do presente, se orientar nele, construir identidades e criar referenciais, e acima de tudo

* Historiadora pela Universidade Federal de Jataí; lainnychaves@discente.ufj.edu.br



pensar essa diferença como uma urgência de forma que esse jovem se coloque no lugar do outro, de perceber o outro como uma pessoa singular e subjetiva,ou seja, de forma da alteridade. Em vista disso, a sequência didática proposta tem como objetivo a relação dos estudantes com a fonte e do enfrentamento com esse passado sensível a partir de uma matéria do jornal alternativo de 1975 *Movimento* e o poema de Cacaso intitulado *Peça didática: Festival de Piparotes ou nunca à maneira de Brecht.* Ao sugerir a análise das fontes e o debate entre os estudantes, incentivamos e proporcionamos a construção do conhecimento de forma coletiva, no qual se torna possível a criação de um espaço que expressem suas opiniões com suas subjetividades, assim, promovendo um espaço para o debate plural e a aprendizagem significativa do aluno. Portanto, através dessas fontes e da atividade proposta será um ensino aprendizagem que desperte algum sentimento nesses alunos frente à injustiça e a violação dos direitos humanos percebidos ao decorrer das três aulas, pois assim será possível haver um futuro de tolerância e de reconciliação com a justiça e os direitos.

Palavras-chaves: sequência didática; temas sensíveis; ditadura civil-militar; Cacaso;

Referências

AZEVEDO, Crislane Barbosa; LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula. In: **Roteiro**, Joaçaba, v. 36, n. 1, p. 55-80, jan./jun. 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. In: **Revista História Hoje**. v. 7 nº 13, p. 14-33, 2018.



ST4. Da Virgem Maria à bruxa: as representações das mulheres na sociedade Coordenadora: **Mestranda Bárbara Alves Siqueira.**

ENTRE DEUSAS E MORTAIS: A MATERNIDADE NA CULTURA EGÍPCIA

Alanna Vanessa Mendes Moreira

Resumo Simples:

Em diversas sociedades desde a antiguidade, a mulher é representada de diferentes formas, desde pessoas mais simples até divindades e bruxas. Estas representações ilustram a figura feminina e seu papel desempenhado em cada civilização e ajuda a melhor compreender o cotidiano, as crenças e as tradições de cada povo. Talvez uma das concepções mais associadas ao âmbito feminino seja a maternidade. No Antigo Egito este papel era central e fundamental para a manutenção da sociedade e sua permanência. Tal cenário se fazia presente desde os grupos mais simples até a alta nobreza, ao qual dependia de uma linhagem legítima para sua continuidade. Estas mulheres recebiam certo respeito e prestígio social, uma vez que a infertilidade era um mal extremamente indesejado, ao qual podia acarretar até mesmo em ausência de casamento ou divórcio. Sua maternidade estava associada as divindades, e ter um filho estava profundamente ligado a religião e as crenças que moldavam o pensamento deste império. Desta forma, as egípcias desenvolveram metodologias utilizadas desde a concepção até a criação de seus filhos. Tal sistema tinha por base garantir o bem-estar da criança e, por conseguinte, sua sobrevivência, dado que a taxa de mortalidade era especialmente alta neste período. Assim, elas protegiam a si e a seus filhos desde a gravidez, utilizando-se de receitas medicinais, encantamentos e amuletos, além de contarem com o auxílio de algumas divindades, como Isis, por exemplo. Por meio da arqueologia pode-se ter uma visão mais ampla e aprofundada da realidade social materna e seu cotidiano, revelando como as mulheres podiam desempenhar papéis essenciais com seus filhos, cuidando e protegendo cada um deles. Estudos de artefatos, como representações artísticas, papiros e objetos funerários, permitem uma compreensão mais aprofundada acerca de tal realidade vivenciada por tantas mulheres egípcias. Assim, ao juntar-se referenciais bibliográficos com tais fontes primárias, torna-se possível a construção de uma interpretação mais rica, aprofundada e contextualizada sobre o papel da maternidade no Egito Antigo. Recolher

Palavras-Chave

Arqueologia, Egito, Maternidade e Mulheres.



"TRISTE, LOUCA OU MÁ": O DISCURSO SOBRE A HISTERIA EM "GYNAIKEIA" (SÉC. II D.C.) E "LA DONNA DELINQUENTE: LA PROSTITUTA E LA DONNA NORMALE" (SÉC. XIX)

Luisa Amado Monteiro*

Resumo Simples:

"A doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstrato numa 'complexa realidade empírica', e porque as doenças são mortais" afirmou Jacques Le Goff em sua obra intitulada "As doenças têm História" (1991). Por conseguinte, o historiador francês caracterizou a História das Doenças como uma "história dramática", uma vez que esta combinaria não apenas espantosos e fantasiosos relatos a respeito das enfermidades e dos enfermos como também abarcaria uma infinidade de crenças e saberes em torno dos corpos sofredores. Ainda de acordo com a perspectiva defendida por Le Goff, a doença não seria objeto apenas de uma visão circunscrita ao mapeamento dos progressos científicos e tecnológicos no decorrer do tempo e do espaço, mas pertenceria, de modo semelhante, ao campo dos saberes e práticas ligados às estruturas sociais, instituições, representações e mentalidades. À luz do debate fomentado pela assertiva de Jacques Le Goff, consideramos como indispensável o estabelecimento de um diálogo mais estreito entre a História das Doenças e os Estudos de Gênero, sobretudo no tocante aos discursos acerca da histeria – doença que, historicamente, foi construída como uma patologia intrínseca ao corpo feminino e definidora da natureza física e psíquica da mulher. Desse modo, a presente comunicação tem como objetivo apresentar um breve exercício comparativo entre dois discursos médicos distintos acerca da histeria e da mulher histérica que datam da Antiguidade, período no qual podemos observar as primeiras menções à sufocação histérica em documentos, e da Itália Moderna, momento de grande efervescência da psicanálise. O corpus documental a ser analisado diz respeito ao tratado médico-ginecológico "Gynaikeia", escrito por Sorano de Éfeso no século II d.C., e a obra médico-antropológica "La donna delinquente: la prostituta e la donna normale", datada do século XIX e cuja autoria é outorgada ao famoso médico italiano Cesare Lombroso. *Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Bolsista CNPQ. E-mail: luisaamado@outlook.com

Palavras-Chave

História das Doenças; Estudos de Gênero; História das Mulheres; Histeria.

* Luisa Amado Monteiro (PPGHC-UFRJ)



ST5. - A tradição inventada e o imaginário social na Antiguidade e no Medievo. Coordenadores: **Doutoranda Taís Nathanny Pereira da Silva, Mestrando João Victor Bernardes** & **Mestrando Wemerson Romualdo.**

LA PEREGRINACIÓN DE CARLOGMANO: IMAGINÁRIO E NARRARIVA

Ana Caroline de Abreu Santana

Resumo Simples:

Relatos fictícios ou não, a literatura de viagens engloba gêneros bem distintos. Pelos itinerários revelam-se caminhos e desejos, que nos aproximam dos homens de outras épocas. Nesta pesquisa temos o objetivo destacar os lugares sagrados da Palestina através da narrativa literária *La Peregrinación de Carlomagno*. Fonte célebre que nos conduz à Jerusalém dos patriarcas e reis e à Terra Santa dos cristãos, sempre idealizada como berço de relíquias. A análise cuidadosa destas fontes reflete a aproximação sempre possível entre história e literatura, entre o real e o imaginário, entre o concreto e o fantástico. As regiões menos conhecidas do Oriente e a geografia sagrada da Palestina exerceram grande fascinação entre os viajantes, constituindo uma espécie de *topoi*. Estes locais evocam reações emotivas em uma sociedade dominada pelo pensamento simbólico, e por práticas cultuais intensas. Um mundo distante, em que os homens tentavam interpretar seus mistérios. Dois conceitos centrais permeiam a pesquisa: O conceito de narrativa e imaginário, sendo nossa principal fonte de análise a narrativa literária *La Peregrinación de Carlomagno*.

Palavras-chave: Peregrinação, Carlos Magno, Palestina, Oriente e Terra Santa.



MISTÉRIOS DE ELEUSIS E A METAFÍSICA DA REALIDADE: UMA ANÁLISE INTEGRATIVA SOB AS PERSPECTIVAS DO IDEALISMO DE PLATÃO E BERKELEY, E O REALISMO DE ARISTÓTELES.

Ana Lina Rodrigues de Carvalho*

Resumo Simples:

Os Mistérios de Elêusis, rituais sagrados praticados na Grécia Antiga desde o segundo milênio a.C. até o século IV d.C , envolvem um dos aspectos mais profundos da espiritualidade helênica, conduzindo os iniciados a uma jornada mística e filosófica sobre a existência, o divino e a relação com o cosmos. Centrado no mito de Deméter e Perséfone, conforme retratado no *Hino Homérico a Deméter*, este estudo busca desvendar a experiência transformadora desses ritos, explorando suas ressonâncias metafísicas a partir das perspectivas filosóficas de Platão, Berkeley e Aristóteles. Enquanto o Idealismo de Platão propõe uma realidade transcendente e Berkeley discute a natureza da percepção como construída da mente, o Realismo de Aristóteles articula o ser enquanto substância concreta. Essa análise interdisciplinar visa estabelecer redes entre mito, filosofia e simbolismo nos rituais eleusinos, oferecendo uma nova interpretação sobre como esses rituais moldavam a visão do mundo e a compreensão da existência para os gregos antigos. Os Mistérios de Elêusis, ao transcenderem o tempo e o espaço, ecoam como uma ponte entre o humano e o divino, refletindo a busca eterna pela verdade e transcendência. Os ritos praticados em Elêusis revelam os segredos e simbolismos das venerações às deusas Deméter e Perséfone, prometendo aos iniciados uma compreensão mais profunda da vida, da morte e do divino, aspectos amplamente discutidos por autores como Walter Burkert e Mircea Eliade. A análise do Hino Homérico a Deméter e das práticas religiosas associadas visa desvendar os significados profundos dos rituais e seu impacto na visão de mundo dos antigos gregos.

Palavras-chave: Mistérios Eleusinos, Simbolismo, Metafísica, Mito, Realidade, Deusas.

* Aluna do Programa Stricto Sensu de Pós-Graduação em Metafisica (PPGμ/UnB). E-mail: analinarodriguesdecarvalho@gmail.com.



REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA FIGURA DE OLGA DE KIEV(NARRATIVA DOS ANOS PASSADOS S. XI-XII)

Anna Beatriz Oliveira Castro*

Resumo Simples:

Este trabalho busca desenvolver uma análise da representação de gênero na figura de Olga de Kiev, fazendo inserções sobre sua atuação feminina enquanto regente, mãe e cristã. Partindo de uma perspectiva histórica, a pesquisa tem como propósito discutir as complexidades e contradições envolvidas na construção da imagem de Olga como uma figura de poder feminino em um contexto predominantemente patriarcal. O objetivo deste estudo, por sua vez, é investigar como a figura de Olga de Kiev foi trabalhada nos textos medievais, examinando as implicações de gênero e poder atribuídas a ela. Ao fazer isso, pretende-se contribuir para a compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero no período medieval e discutir como tais podem ser interpretadas à luz das teorias contemporâneas de gênero. A pesquisa em desenvolvimento sustenta-se em uma análise documental da fonte histórica Narrativa dos Anos Passados (Povest' vremennykh let), também conhecida como Crônica primária - cujo objetivo é legitimar a dinastia Rurik, narrar a conversão dos eslavos orientais ao Cristianismo e moldar uma identidade coletiva em torno da história comum e da fé ortodoxa. Além disso, a pesquisa examina textos históricos medievais que descrevem a vida e as ações de Olga de Kiev, a fim de contextualizá-la como um sujeito histórico central no processo de formação do Estado Kievan. A hipótese da pesquisa sugere que Olga é vista, tanto pela cronística quanto pela posterior tradição, como uma espécie de eco medieval da Virgem Maria, uma figura de exceção que ecoa valores de liderança, fé e gênese. Essa associação não é apenas religiosa, mas também cultural, e ressalta a possibilidade de uma leitura

* Graduanda de História, Universidade Estadual de Goiás. Contato: annabcastr@gmail.com



diferenciadadas narrativas de gênero na Rus', distante dos modelos ocidentais da época. Assim, o trabalho visa contribuir para um entendimento mais profundo ao confrontar as representações de Olga com teorias de gênero atuais, possibilitando uma reavaliação dos papéis femininos na constituição da cultura e estado russos.

Palavras-chave: Olga de Kiev; História Medieval; Estudo de Gênero; Rus de Kiev.



A SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO E A CATEDRAL DIVINO ESPÍRITO SANTO EM JATAÍ: HISTÓRIA EMEMÓRIA

Débora Dayane de Oliveira Rosa*

Resumo Simples:

Jataí é uma cidade localizada na região Sudoeste do Estado de Goiás, possuindo uma população estimada em 110.000 habitantes. De tradição católica, como grande partedo estado, a cidade possui em seu interior um patrimônio sacro construído inicialmente na segunda metade do século XIX. A colonização e ocupação efetiva da região foi impulsionada pela criação de gado e também pelo cultivo de arroz. Em 1864 a Capela do Divino Espírito Santo de Jataí, foi elevada à categoria de freguesia. Em 1929 é criada a prelazia de Jataí pelo Papa Pio XI. Em 1956 a Igreja elevou a Província de Jataí à condição de Diocese. O primeiro bispo da Diocese foi Dom Abel Ribeiro Camelo. Outro marco importante foi o ano de 1961 em que o franciscano Dom Benedito Domingos Cóscia se tornou bispo da cidade. Este panorama inicial é importante para contextualizar em linhas gerais marcos temporais da história da Igreja Católica na região. Um dos objetivos da instituição seria o de construir uma catedral na cidade. “Por volta de 1980, Dom Benedito começou a pensar, de forma mais específica, na construção da Catedral. O terreno já existia, seria no Bairro Santa Maria., onde anos antes já se havia transferido a Paróquia Divino Espírito Santo”. A pedra fundamental para a construção da catedral foi lançada no ano de 1984. Planejada pelo arquiteto jataiense Marcio Heluisio Costa Carvalho coma ideia é que esta tivesse a forma de um favo de mel. Após 8 anos de construção o artista Claúdio Pastro aceitou o convite para a execução dos painéis da nova catedral. Atualmente a Diocese de Jataí abrange 24 municípios no Sudoeste do Estado de Goiás. Nossa intenção é construir um estudo acadêmico sobre a fundação da catedral, inserindo-

Palavras-chave: Catedral, Arte Sacra, Jataí, Sacralização, História e Memória.

* Débora Dayande de Oliveira Rosa, discente do curso de História pela Universidade Federal de Jataí; deboradayarosa@hotmail.com. Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.



A IDEALIZAÇÃO EM TORNO DA IMAGEM DE ELIZABETH I (1533-1603) NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS (SÉC. XVI)

Gleyce Hellen Ribeiro Maia*

Resumo Simples:

Conhecida como "The Virgin Queen" ou "a Rainha virgem" por nunca ter se casado, Elizabeth I, foi uma das figuras mais importantes para a história da monarquia Tudor. Filha de Henrique VIII, fundador da igreja anglicana, Elizabeth reinou de 1558 a 1603. Durante o seu reinado ela protagonizou a consolidação da igreja anglicana, os conflitos políticos e algumas vitórias militares. Além disso, sua morte causou o fim da dinastia Tudor e o início da dinastia Stuart. Com o foco na idealização do culto a Rainha virgem e nas representações simbólicas, nesse estudo busca-se compreender de que maneira essa propaganda política e religiosa em torno de sua imagem foi importante para o seu poder monárquico e para a manutenção da união do seu povo visando obter apoio popular dos súditos ingleses explorando as narrativas religiosas da sociedade inglesa no século XVI, em meio a mudanças e transições religiosas do catolicismo para o protestantismo anglicano.

Palavras-chave: Elizabeth I; representações simbólicas; virgindade; século XVI; anglicanismo.

* Estudante de Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; e-mail: gleycemaia9@gmail.com.



MITOPOÉTICA DE HESÍODO E A FUNÇÃO DOS PSICOPOMPOS*

Jaqueline Da Silva**

Resumo Simples:

Este artigo apresenta ideias de Hesíodo, um dos grandes poetas da Grécia Antiga, sobre a origem do mundo e o papel dos deuses e humanos. Diferente de Homero, que foca em histórias de heróis e batalhas, Hesíodo se concentra em como o universo e as divindades surgiram e nas leis que organizam o mundo, especialmente nas obras *Theogonia* e *Trabalhos e Dias*. Exploramos como os deuses Hécate e Hermes são apresentados como guia, sendo uma figura que pode ajudar humanos, até mesmo outros deuses a transitar entre diferentes mundos. Na *Theogonia*, Hécate é destacada como uma deusa poderosa que pode agir em várias esferas, enquanto no Hino a Deméter, Hermes é retratado como o mensageiro dos deuses e condutor das almas. Juntos, esses personagens revelam o valor que os gregos antigos davam aos deuses como figuras que podiam intervir nas vidas humanas e estabelecer a ordem entre o sagrado e o mundano.

Palavras-chave: Religião, Grécia Antiga, Psicopompos, Hesiodo e Homero.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

** Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. E-mail: jaquelinemacedogalvaodeoliveir@gmail.com



VIVÊNCIAS DA INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA

Larissa Lacé Sousa*

Resumo Simples:

A permanência da infância na Idade Média por um bom tempo foi bastante ameaçada devido as enfermidades que frequentemente afetavam as crianças. Na maioria das vezes morriam ainda recém-nascidas por um cuidado ineficiente, algo que pôde mudar essa realidade foi a existência dos regimentos de saúde que indicavam como cuidar e quais elementos curar o corpo enfermo. Assim, nosso *corpus* documental é composto por dois regimentos médicos: *Regime do Corpo* (1256) de Aldobrandino de Siena (século XIII) e o *Tratado das Crianças e regimento da ama* (1308) composto no início do século XIV, pelo físico e mestre Bernardo de Gordônio. Nesta comunicação o objetivo é analisar o imaginário social no medievo através dos aspectos de vivência infantil no medievo, quais as brincadeiras eram comuns, como era o processo de inserção nos estudos, as vestimentas, a relação familiar e outras questões. Apesar de ambas as fontes serem de grande importância principalmente para a compreensão da medicina medieval, também são ricas em detalhes que demonstravam a importância das crianças nesse momento da história. Existiam famílias ali que se preocupavam com os índices de mortalidade e tinham por objetivo mantê-las saudáveis para seguirem as seguintes etapas da vida.

Palavras-chave: Infância; Vivência; Medievo.

* Mestre em História - alarissinha.lacesousa385@gmail.com



A ARTE SACRA BRASILEIRA DE CLÁUDIO PASTRO

Luiz Ricardo Bueno Pinheiro*

Resumo Simples:

A Arte Sacra de Cláudio Pastro e uma referência no meio artístico e religioso. Suas obras, dispersas tanto no Brasil como em boa parte do mundo, são testemunhos vívidos de sua dedicação e estudo à expressão da cristandade. Por meio de suas obras podemos observar suas referências artísticas e historiográficas e o seu uso de símbolos tanto religiosos, como também elementos iconográficos brasileiros fazendo assim uma representação do sagrado cristão na atualidade, mas não deixando de buscar suas referências na cristandade medieval. No decorrer da História e possível observar que em diversas épocas as civilizações correlacionam fortemente a arte e a fé, fazendo assim com que a fé pudesse oferecer seu conjunto de crenças, filosofia, imagens e de que a arte pudesse aproximar, converter e conectar o fiel aquele credo específico. Arte é um elemento de comunicação mais universal do ser humano, desde os primórdios, a arte obteve uma correlação com a fé. Como a arte também consegue traduzir esse vocabulário em forma e em imagens, ao analisarmos o artista Cláudio Pastro e seus trabalhos se pode notar uma proximidade a esta filosofia de que a Arte Sacra pode aproximar e conectar de forma mais forte o fiel ao Sagrado Cristão. O simbolismo de Pastro traz uma recordação da tradição cristã além disso faz com que o espaço sagrado seja qual como um Paraíso Terrestre que o torna divergente de todo o espaço profano que o cerca, convidando assim o fiel a estar na presença do Cristo e de seus mistérios e de sua paixão. Cláudio também traz em seu trabalho artístico algo que não e apenas para ser apreciado, mas também um modo fazer com que o fiel possa pensar, se conectar e de evangelizar os fiéis e uma forma de também aproximar aqueles que estão afastados de Deus.

Palavras-chave: Cláudio Pastro; Imagem; Símbolos; Arte Sacra; Cristandade Medieval

* Estudante da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, estudante do curso de História-Licenciatura e orientando da Prof. Dr. Renata Cristina de Sousa Nascimento. Email: lrbpinheiro2014@gmail.com



A NARRATIVA ACERCA DA CIDADE DE GOIÁS NO DOSSIÊ "*PROPOSIÇÃO DA CIDADE DE GOIÁS NA LISTA DO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE*"

Pollyana Custódia Ferreira Santos*

Resumo Expandido:

Introdução

Em 1937, por meio do decreto 1.816, o governador do Estado de Goiás Pedro Ludovico transferia a capital do estado de Goiás para Goiânia. Iniciava-se um processo de transferência de várias instituições para a nova capital. Todo esse processo com inúmeros desdobramentos sociais, econômicos e políticos, colocava em questão o significado da cidade de Goiás em diversos aspectos. Como afirma Tamaso (2007, p. 91) "O revelado temor do prejuízo econômico obnubilava o fator simbólico: a mudança da capital abalava a relação da cidade com todo o estado. A cidade de Goiás perderia o seu maior valor simbólico que era o de ser a capital".

A posição da cidade de Goiás como capital fora-lhe retirada, e o que restou do doloroso processo de transferência foi o surgimento de uma narrativa de valorização da cidade de Goiás não mais como capital, mais sim como importante centro cultural e histórico do estado. Nesse sentido, ocorreram diversos tombamentos na década de 1950. Vale aqui relembrar que a expressão "tombar" é utilizada para designar a garantia, por meio da lei, da preservação de determinado patrimônio cultural nacional ou regional.

Esses tombamentos, realizados na década de 1950, são resultados do trabalho realizado pelo arquiteto Edgar Jacintho, funcionário do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que conclui um estudo acerca das obras e monumentos da cidade e demonstrou a necessidade de realização de alguns tombamentos pontuais que foram sendo realizados na década de 1950, mas que não contemplavam todo o centro histórico.

O governador Mauro Borges retoma as ligações entre o governo estadual e a sua antiga capital quando à torna patrimônio estadual. "A categoria patrimônio pela primeira vez surgiu no plano do governo do estado [...]" (Tamaso, 2007, p. 149). Os cidadãos

*Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO; pollyana068custodia@gmail. com.



vilaboenses se deparavam com ações práticas do governo que buscavam reafirmar uma ligação do estado de Goiás com a cidade. Em contraste com a boa avaliação feita pela população acerca da volta da capital para a Cidade de Goiás no mês de julho a partir de 1961, efetivado do mesmo modo por Borges. Entretanto, o reconhecimento a nível estadual da cidade como patrimônio não tinha a aprovação unanime da população. O tombamento era enxergado por muitos moradores como um impedimento ao progresso e a modernização da cidade.

Todavia, o prestígio desta cidade só iria ser reacendido a partir dos anos de 1950, com o início dos tombamentos de prédios históricos, que posteriormente foram utilizados, entres outras motivações, como bases para a formulação da proposta de inserção na lista de Patrimônios da Unesco. Inserção esta que ocorreria no ano de 2001, se tornando um marco para a história da Cidade de Goiás e ação concreta de processo que legitimou legalmente uma dita cultura goiana, que seria a expressão e homogeneidade de um todo.

Neste extenso documento de título *Proposição da Cidade de Goiás na Lista do Patrimônio da Humanidade,* estão inseridos todo um levamento e inventario de construções, locais, paisagens no âmbito físico, e também no âmbito empírico, toda a dita cultura presente na cidade. As quais na narrativa adotada ao longo do texto, comprovaria a singularidade e de mesmo modo justificariam a inserção da Cidade de Goiás na Lista de Patrimônio da Humanidade.

Discussões e resultados

A pesquisa se encontra em estágio inicial na pós-graduação, com a leitura e análise das fontes, levantamento e fichamento das bibliografias. Entretanto, ao longo do desenvolvimento desta se espera, apresentar apontamentos que abarquem os objetivos propostos, os quais se dispõem a uma identificação, a análise e o confronto da narrativa presente na fonte de pesquisa. Assim, o debate e o emprego de conceitos históricos que contribuirão positivamente no estudo da fonte, como os conceitos de memória, memória coletiva, religiosidade e narrativa.

Considerações finais



De mesmo modo, ao fim da pesquisa se intenta, com base nas discussões e resultados compreender o uso do discurso dentro do Dossiê da Cidade de Goiás. Ademais, como este contribuiu na inserção da cidade na Lista de Patrimônio da Humanidade, e no mais na legitimação no imaginário goiano e nacional de berço da cultura goiana.

Referências

DELGADO, Andréa Ferreira. **Goiás**: a invenção da cidade "Patrimônio da Humanidade". Horizontes antropológicos, v. 11, p. 113-143, 2005.

DOSSIÊ: **proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade**. Goiânia: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1999. 1 CD-ROM.

GOMIDE, Cristina Helou. **Antiga Vila Boa de Goiás:** experiências e memórias na/da cidade patrimônio. BH: Editora Letramento, 2023

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio**. Varia hist., Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, Dec. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010487752006000200002&lng=en&nrm=iso

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A, 1981.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. **Os Sentidos do Sagrado no Ocidente Medieval: Emoções, Devoções e Culto às Relíquias Cristãs**. Curitiba: CRV, 2023.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. (Org). **Sacralidades Territoriais**. Goiânia: Editora Tempestiva, 2022.

RICOEUR, Paul**. A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, F. M. **Veiga Valle**: recepção em estudos de identidade e tradição (1940-2001). 2023. 466 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

TAMASO, Izabela Maria. **Em nome de patrimônio:** representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás. 2007.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: LE GOFF, J. (Org.). Enciclo- pédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.



ENTRE FÉ E HISTÓRIA: A IMAGEM DE UM SANTO E SUA INFLUÊNCIA NO INTERIOR DO BRASIL

Suely Moreira Borges Calafiori*
Crisnamurte Alves Carneiro**

Resumo Simples:

O Venerável Padre Pelágio Sauter é uma figura central na história religiosa do interior do Brasil, especialmente em Trindade/Goiás, destacou por sua dedicação à fé e ao serviço comunitário, tornando-se um símbolo de esperança e compaixão para os habitantes da região. Sua trajetória revela a intersecção entre a prática religiosa e as realidades sociais que permeavam a vida de seus fiéis. A expressão "Entre Fé e História" reflete a dualidade que permeia a vida do Padre Pelágio. Ele não era apenas um religioso que pregava o Evangelho; sua atuação estava imersa nas dificuldades enfrentadas pela população local. O Padre desafiou as barreiras impostas pela pobreza e a falta de acesso aos lugares onde visitava seu povo, demonstrando um compromisso genuíno com o bem-estar espiritual e material de sua comunidade. Suas visitas às áreas mais necessitadas eram marcadas por gestos de solidariedade que transcendiam o simples ato de pregar. Em Trindade, o Padre Pelágio tornou-se uma figura carismática, atraindo fiéis não apenas pela sua eloquência, mas também pela sua capacidade de ouvir e atender às necessidades dos mais humildes. Sua influência se estendeu além de sua vida terrena; após seu falecimento em Goiânia, na Santa Casa de Misericórdia, seu legado continuou a ressoar nas histórias contadas pelas pessoas que foram impactadas por suas ações. Ele é lembrado como um sacerdote devoto, com valores cristãos de amor ao próximo e solidariedade. O reconhecimento da vida e obra do Padre Pelágio Sauter ressalta a importância em um mundo frequentemente marcado pela indiferença e desigualdade, sua história serve como um lembrete da relevância da compaixão no exercício da fé. As narrativas sobre sua santidade buscam explorar a tradição inventada e o imaginário social na Antiguidade e no Medievo através da lens da experiência do Padre Pelágio. Sua vida não é apenas uma história pessoal; é

* Docente. Mestre em História (PUC/GO 2020). Suelycalafiori1@gmail.com
** Historiador. Mestre em História (PUC/GO 2022). krisnahmurti@gmail.com



uma representação dos desafios enfrentados pelas comunidades religiosas ao longo da história. Ao analisar suas ações sob essa perspectiva, podemos compreender melhor como figuras religiosas moldam narrativas coletivas que continuam a influenciar sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Padre Pelágio Sauter; Narrativas; Santidade.



HAGIOGRAFIA HISPÂNICA MEDIEVAL: O LIBRO DE LOS MILAGROS DE SAN ISIDORO POR LUCAS DE TUY

Yasmin Barreto de Souza Fernandes.*

Resumo Expandido:

Introdução

Este texto se dedica à análise da hagiografia medieval hispânica dentro do recorte temporal dos séculos XI a XIII, trabalhando com *Libro de Los Milagros de San Isidoro* como sua obra primária. Escrito pelo cônego Lucas de Tuy no século XIII, o *Libro de Los Milagros de San Isidoro* se propõe a explorar a devoção ao bispo Santo Isidoro de Sevilha e à suas relíquias, trabalhando com testemunhos e relatos. A pesquisa contextualiza o Livro dos Milagres no quadro da Reconquista cristã da Península Ibérica, interpretando-o como uma obra que visa consagrar o Reino de Leão como herdeiro legítimo do Reino Visigodo e sucessor da herança do Império Romano.

Lucas de Tuy elabora a obra, *Libro de los Milagros de San Isidoro (1242),* ou *Miraculis Sancti Isidori,* em seu título original, quando ainda se encontrava na Colegiada leonesa, entre os anos 1221/4 e 1239/42. A obra menciona a trasladação das relíquias do prelado, sem descrevê-la em detalhes, mas narra milagres ocorridos nas décadas seguintes ao evento. (DA SILVA, p. 7, 2021). Lucas não apenas reforça a importância espiritual do santo, mas evidencia a função das relíquias sagradas no fortalecimento político e social de territórios cristãos na Idade Média, marcadamente no Reino de Leão. O culto a Santo Isidoro e a valorização de suas relíquias são examinados como recursos de propaganda religiosa e de afirmação identitária em uma sociedade onde as esferas do sagrado e do profano se entrelaçam.

As relíquias no contexto medieval são tratadas não apenas como objetos de culto, mas como representações tangíveis da presença divina, que garantiam proteção e legitimidade aos locais que as possuíam. Tal prática inseria-se no conjunto de tradições que conferiam prestígio ao território e atraíam peregrinações. O culto às relíquias

* Graduanda em História na PUC-GO; e-mail: yasminbsf@outlook.com.



atravessou toda a Idade Média como elemento estruturador do território das cidades cristãs. (CYMBALISTA, 2006).

Discussões e resultados

A narrativa elaborada por Lucas de Tuy parte de uma base espiritual, mas logo toma um viés político ao evidenciar o potencial unificador das relíquias de Santo Isidoro para o Reino de Leão. Lucas, cônego em Leão e posteriormente bispo de Tuy, adentra o campo da propaganda religiosa para enaltecer a superioridade do cristianismo sobre os povos islâmicos que, à época, dominavam grande parte da península. Esse argumento é sustentado por meio de episódios milagrosos atribuídos a Santo Isidoro, que conferem à cidade de Leão um status de cidade abençoada e protegida pela santidade do bispo. Lucas ressalta que esses milagres servem para proteger a população cristã e auxiliar a nobreza, conferindo à obra um sentido de salvaguarda do cristianismo em uma sociedade marcada por conflitos culturais e religiosos.

A análise do conteúdo dos milagres revela uma intenção clara de posicionar Leão como sucessor da grandeza visigoda, legitimando o poder eclesiástico e reforçando a autoridade do Reino de Leão. Lucas descreve curas milagrosas, proteção contra doenças e defesa contra inimigos como provas de que Santo Isidoro intercederia em favor dos cristãos, castigando os que tentam roubar suas relíquias e fortalece a coesão social entre a nobreza e o clero. Ademais, a trasladação das relíquias de Santo Isidoro de Sevilha a Leão, evento registrado no século XI, é reconstituída como símbolo de um processo em que a transferência de restos sagrados visa expandir a fé cristã e garantir a supremacia cristã frente às culturas islâmicas.

> Mas se tivermos em conta que a transferência dos corpos dos santos de um lugar a um outro implica uma apropriação de uma identidade que acarreta a transferência de legitimidade e prestígio, motivo pelo qual, na ausência de um consenso relativamente à transferência das relíquias, se opta pelo seu furto, é relevante também pensar que trajectos elas percorrem, no sentido em que esta movimentação cria um laço entre dois espaços distintos. (GOMES, p 43, 2020.)



Cabe ainda salientar quem foi Isidoro de Sevilha, sendo ele uma figura Antigo Tardia, não tendo confirmada sua data de nascimento, porém seu falecimento sendo registrado em 636 d. C. Sua relevância política e intelectual sendo tão presentes como sua relevância espiritual, Isidoro também tendo produzido um conjunto de escritos, chegando a ter 17 obras legadas pelo Bispo de Sevilha, um de seus trabalhos mais importantes as suas "Etimologias" ou *Eymologiarum siue Originum,* em seu título original. O sevilhano teve, inclusive, um papel de destaque no reino hispano-visigodo,[14] durante seus anos de pontificado (601-636), influenciando fortemente a política visigoda, mentor do último cânone aprovado pelos padres conciliares, e se preocupando em produzir uma obra fundamental para a defesa da superioridade do reino godo, intitulada História dos Godos. Seu entusiasmo apostólico e sua contribuição para a sociedade, tanto nos planos políticos quanto religiosos, juntamente com suas obras e reflexões, exerceram uma profunda influência em diversos campos do saber.

> A sua importância, tanto do ponto de vista político como do cultural, para os representantes episcopais hispano-visigodos ao longo do século VII foi tamanha que a historiografia apontou a sétima centúria como a época do "renascimento isidoriano", embora saibamos que o legado do hispalense foi mais amplo e disseminado por toda a Idade Média, pela Modernidade, alcançando o período Contemporâneo. (FRIGHETTO, p.111, 2020,).

Através da veneração das relíquias, o poder simbólico de Santo Isidoro é convertido em instrumento de identidade política e religiosa, em que o território passa a ser defendido pelo poder espiritual do santo. Esse processo de santificação da paisagem de Leão promove a criação de um espaço sacralizado, cujos valores transcendem as fronteiras do sagrado e se consolidam no âmbito do poder temporal. A pesquisa evidencia, assim, que a obra de Lucas de Tuy serviu como um meio para transformar a figura de Santo Isidoro em símbolo de unidade política e resistência cristã na Península Ibérica.

[14] MICHELETTE, Pâmela Torres. A concepção de realeza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha. 2012.



Considerações finais

A obra *Libro de Los Milagros de San Isidoro* torna-se, ao enfatizar a relevância das relíquias e dos milagres atribuídos a Santo Isidoro, um testemunho da inter-relação entre o sagrado e o secular na Idade Média. Lucas de Tuy, ao retratar Leão como o centro da devoção a Santo Isidoro, fortalece a identidade do Reino como herdeiro legítimo da tradição visigótica, e enaltece o santo como defensor do território e do cristianismo. A obra revela-se, portanto, uma ferramenta de propaganda religiosa e política que eleva a figura do santo e fortalece a coesão do Reino de Leão frente à ameaça islâmica.

A pesquisa demonstra que o culto às relíquias de Santo Isidoro e o relato de seus milagres contribuem para a legitimação do poder territorial de Leão, consolidando a nobreza e o clero como defensores da fé e da ordem social. O estudo da hagiografia medieval revela-se essencial para a compreensão dos valores e sensibilidades que permeavam a cultura medieval, onde as relíquias e os objetos de culto assumem papel de agentes políticos, promovendo a união de territórios e a expansão do cristianismo.

Por meio do culto a Santo Isidoro e da veneração de suas relíquias, Lucas de Tuy insere sua narrativa em uma tradição que utiliza o poder do sagrado para consolidar a hegemonia cristã e conferir ao Reino de Leão um status de sucessor legítimo da grandeza visigótica. O impacto cultural e político das relíquias transcende o âmbito religioso, inserindo-se no espaço de poder e coesão social que configura o período da Reconquista. Dessa forma, o *Libro de Los Milagros de San Isidoro* torna-se um testemunho da estratégia de Lucas de Tuy em transformar o bispo santo em símbolo de proteção e prosperidade para o Reino de Leão, estabelecendo uma continuidade histórica que consagra Leão como centro de fé e de resistência.

Referências

ANTÓNIO, R. E. I. *A Laude Spaniae de Isidoro de Sevilha na Cronística Medieval Peninsular (séculos VIII-XIV)*. The Laude Spaniae of Isidore of Seville in the Iberic Medieval Chronicles (VIIIth-XIVth centuries).



BENTO XVI, Papa. Audiência Geral: Santo Isidoro de Sevilha. 2008. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080618.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BLIKSTEIN, Izidoro. As etimologias de Isidoro de Sevilha. *Língua e Literatura*, n. 7, p. 111-120, 1978.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 14, n. 2, p. 11-50, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142006000200002>.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Isidoro de Sevilha nos legendários abreviados mendicantes hispanos do século XIII: uma abordagem historiográfica em perspectiva. *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, n. 28, p. 4, 2021.

DO VALLE RIBEIRO, Daniel. O pensamento político de Isidoro de Sevilha. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 15, n. 2, p. 347-356, 1989.

FALQUE REY, Emma. Lucas de Tuy, falsificador. *Antigüedad y Cristianismo: 91onografias históricas sobre la Antigüedad tardía*, v. 29, p. 189-198, 2012.

FELDMAN, Sergio Alberto. Judeus, escravos e proselitismo na Espanha visigótica. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, v. 19, p. 145-157, 2002.

FRIGHETTO, Renan. Entre a Antiguidade e a Idade Média: algumas considerações sobre a Antiguidade Tardia (séculos II – VIII). *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 21, p. 59-71, 2022. Disponível em: <https://www.dialogosmediterranicos.com.br/RevistaDM/article/view/432>. Acesso em: 24 fev. 2024.

GIMENEZ, José Carlos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. Traslado das santas relíquias em Portugal e no Brasil: um fenômeno de longa duração. *Specula*, 2023. Disponível em: <https://revistas.ucv.es/specula/index.php/specula/article/view/1125/1229>. Acesso em: 24 fev. 2024.

GOMES, Joana. Reis e Santos na historiografia dinástica em Leão e Castela (1120-1194). *VS*, v. 27, p. 33-57, 2020.

JUSTEN, Paula de Souza Valle. Sevilha, terra de conquista: colonização e reordenação territorial através dos diplomas régios de Alfonso X (1252-1284). 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.



MASSARELLI GONZÁLEZ, Roberto Aurelio et al. *Isidoro de Sevilla, vida, obra e influência histórica*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidad Gabriela Mistral.

MARTÍN, José Carlos. El corpus hagiográfico latino en torno a la figura de Isidoro de Sevilla en la Hispania tardoantigua y medieval (ss. VII-XIII). *Veleia*, n. 22, 2005.

MICHELETTE, Pâmela Torres. A concepção de realeza católica visigoda e as ideias políticas de Isidoro de Sevilha. 2012.

MICHELETTE, Pâmela Torres. Educação e cultura no reino visigodo: o ideal de educação em Isidoro de Sevilha. 2018.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; SOUZA, Guilherme Queiroz de (Org.). *Dicionário: cem fragmentos biográficos: a Idade Média em trajetórias*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020.

NOBRE, Sergio. Isidoro de Sevilla e a história da matemática presente em sua enciclopédia *Etimologias* (séc. 7). *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 5, n. 9, p. 37-58, 2005.

REY, Emma Falque. De Sevilla a León: el último viaje de San Isidoro. *Anuario de Historia de la Iglesia Andaluza*, n. 9, p. 11-31, 2016.

RIBEIRO, Daniel V. Isidoro de Sevilha e a Espanha Visigótica. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, p. 161-168, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.827>.

SANZ, María Jesús. El culto a San Isidoro: reliquias e imágenes. *Iconografía sevillana. Estudios humanísticos: geografía, historia y arte*, n. 21, p. 187-218, 1999.

TUY, Lucas de. *Milagros de San Isidoro*. León: Universidad de León/Cátedra de San Isidoro, 1992.



IMAGINÁRIO E SIMBOLISMO ACERCA DO MILAGRE DA LANÇA SAGRADA DURANTE A PRIMEIRA CRUZADA

Yasmin Oliveira Santos*

Resumo Expandido:

Introdução

O presente trabalho é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura pela Universidade de Brasília em 2023. O foco da pesquisa foi o estudo do imaginário coletivo na Idade Média, concentrando-se no relato bispal de Foucher de Chartres (1059-1127) em "*A 1ª Cruzada Um Relato de quem lá esteve"* [15] no que tange os milagres ocorridos durante a primeira cruzada (1096-1098), com ênfase na narração sobre o cerco de Antioquia. O objetivo do estudo é observar o relacionamento dos medievais com a figura do sagrado e se essa relação se reproduziu durante a primeira cruzada.

No decorrer da expedição armada até Jerusalém, os francos, assim chamados os exércitos cruzados formados por várias nações cristãs europeias, tomaram algumas cidades, dentre elas: Antioquia. Esta era uma cidade altaneira de suma importância para a cristandade medieval por simbolizar um local de peregrinação e por ter sido escavada junto à cidadela que se encontrava a monolítica de São Pedro, considerado o fundador da Igreja Cristã e o seu primeiro papa. No dia seguinte da tomada de Antioquia pelos francos, os turcos, chefiados pelo Emir Karbogha, cercaram a cidadela sitiando os exércitos cruzados.

Durante esse cerco, um monge francês de nome Pedro Bartolomeu (1053-115), membro do exército provençal de Raimundo de Saint-Gilles (1045-1105), informa ao seu senhor que fora visitado em sonho pelo espírito de Santo André- um dos doze discípulos

*Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Brasília- UnB; oyasminnsantos@gmail.com.

[15] CHARTRES, Foucher de. *A 1º Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. São Paulo: INQUERITO, 2003



de Jesus Cristo- e recebido a revelação de que a santa lança estaria escondida na Catedral de São Pedro. As escavações na Catedral iniciaram em 15 de Junho até que em 18 de Junho de 1098 a santa lança foi encontrada.

Foucher de Chartres (1059-1127) deixa claro que o descobrimento da santa lança dividiu opiniões entre o exército cruzado, ou melhor, entre a elite cruzada, sobre a legitimidade do objeto. Entretanto, o pedaço de ferro encontrado foi tratado como a relíquia perdida e venerada durante cem dias.

No contexto do cerco de Antioquia, aqueles que acreditavam na veracidade da santa lança consideraram que o seu descobrimento era um bom presságio e que Deus os ajudariam a vencer os turcos. Em 28 de Junho de 1098, o exército cruzado cercado na cidadela se dividiu em seis tropas para combater o exército turco. A santa lança foi levada pelo líder religioso Ademar de Monteil (1045-1098), bispo de Puy, na linha de frente da tropa e utilizada como estandarte pelos francos como uma forma de simbolizar a provisão divina. Os cruzados venceram a batalha e a vitória cristã foi celebrada como milagre resultante da relíquia sagrada encontrada.

Nessa conjuntura, surgem-nos as seguintes perguntas: qual era a relação dos medievais com o sagrado? Essa relação se reproduziu na primeira cruzada? Há diferenças sociais na relação com o sagrado? O sagrado era objeto de dominação religiosa e política? O sagrado é sinônimo de consenso coletivo?

Discussões e resultados

A motivação da presente pesquisa advém da preocupação em entender um evento histórico de acordo com as percepções coletivas da época. A fim de compreender melhor a civilização medieval do século XI e sua memória coletiva, recorreu-se ao estudo das mentalidades, um conceito que nos ajuda a entender como as crenças e formas de pensar de uma sociedade podem ser diferentes ao longo do tempo e entre diferentes culturas, pois são o que de fato diferenciam as sociedades no tempo e no espaço, "[...] é em relação à nossa mentalidade contemporânea que uma cultura se apresenta como diferente para



nós”[16]. Mais especificamente, recorreu-se ao estudo do imaginário social, entendido aqui como um sistema de imagens verbais e visuais articulado segundo lógica própria e construído em volta das experiências humanas agrupadas às normas sociais estabelecidas a fim de representar, evocar e dar significado à realidade.

A partir dessa percepção, é possível compreender melhor o relato de Foucher de Chartres (1059-1127). Ele discorre sobre o período de oito meses que os exércitos cruzados ficaram sitiados em Antioquia pelo exército turco-muçulmano, sob o comando do Emir Karbogha. De acordo com De Chartres, durante o cerco de Antioquia, os insumos se esgotaram, parte da cavalaria morreu de fome e o grosso do exército não possuía abrigo em tempos de chuvas. Além disso, os cruzados já não acreditavam mais na vitória e achavam que Deus os tinham abandonado. De Chartres escreve que “o moral dos peregrinos está no ponto mais baixo. Era preciso um milagre oportuno para galvanizar as tropas”[17].

Foi exatamente nesse cenário que a santa lança foi encontrada. “Santa Lança”, segundo a tradição da Igreja Católica, foi uma arma utilizada pelos romanos para perfurar o flanco de Cristo e verificar sua morte na crucificação. Hodiernamente, há algumas versões sobre como e onde a lança fora achada e conservada. Todavia, o que nos importa nesse trabalho é analisar o relato de Foucher de Chartres (1059-1127) sobre como o pedaço de ferro foi achado durante o cerco em Antioquia e como o episódio foi tratado pelos cruzados.

De acordo com De Chartres (1059-1127), a descoberta da Santa Lança gerou divisões entre os membros da aristocracia cruzada. Raimundo de Saint-Gilles (1045-1105), por exemplo, acreditou no relato miraculoso de Pedro Bartolomeu (1053-1115) e na veracidade do objeto encontrado. Já Boemundo de Tarento (1058-1111) e o próprio bispo de Le Puy (1045-1098), consideravam que a lança não passava de um pedaço de ferro comum. Enquanto o sagrado foi questionado entre os príncipes, clérigos e leigos pertencentes a elite, a massa social das tropas não duvidou em momento algum sobre a

[16]ARIÈS, Philippe. A História das Mentalidades In: LE GOFF, JACQUES. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 231.
[17]CHARTRES, Foucher de. *A 1º Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. São Paulo: INQUERITO, 2003, p.149.



legitimidade da relíquia. De Chartres (1059-1127) assim escreve, "No entanto, todo o povo, cheio de alegria, glorificava o Senhor por esta lança ter sido assim descoberta."[18] e "[...], mas o grosso da tropa não duvida do milagre[...]"[19]. Isso se deve ao fato de que, "para os fiéis a autenticidade original não é o mais importante, e sim seu valor espiritual."[20].

De Chartres (1059-1127) menciona a adesão popular cruzadista ao milagre do descobrimento da santa lança e a posterior vitória cristã contra os turcos no cerco de Antioquia como sua consequência direta. Em contrapartida, destaca a evidente divergência entre a elite cruzadista quanto a veracidade do objeto. Nessa conjuntura, é possível compreender que a relação dos medievais com o sagrado era diferente de acordo com a camada social e que tais diferenças se reproduziram durante a primeira cruzada.

A descoberta da santa lança atribuiu um significado ao cenário de angústia e medo em que os cruzados se encontravam. A crença no milagre, dentro da perspectiva do imaginário coletivo, advém principalmente em tempos de dificuldades concretas como uma maneira de apelo ao sagrado. Nesse âmbito, as relíquias surgiram a partir da busca por um sagrado que materializasse a fé cristã medieval, necessária para a manutenção da religião. Nesse trabalho, definiu-se relíquia como fragmentos corporais e objetos de personagens "especiais" como os santos e os mártires. A partir do contato com os objetos sagrados, divindades e seus respectivos poderes celestiais estariam presentes. As relíquias no medievo representavam uma dupla importância: para os fiéis, a presença de quem a possuiu em vida e consequentemente seus poderes miraculosos e/ou sua intervenção divina; para a religião, como um todo, representava a manutenção da fé a partir da rememoração de um passado divino por meio das celebrações, dos ritos, das cerimônias e das peregrinações. A representação visual de imagens e objetos torna o ausente em real, em algo concreto e palpável, possibilitando a materialização de costumes, rituais e

[18] CHARTRES, Foucher de. *A 1º Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. São Paulo: INQUERITO, 2003, p.47.
[19] CHARTRES, Foucher de. *A 1º Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. São Paulo: INQUERITO, 2003, p.149
[20] ÁLVAREZ, Maria Raquel Alonso.; NASCIMENTO, Renata C.S. *A Sacralização do Espaço Ibérico: Vivências Religiosas na Idade Média*. Curitiba: Editora CRV, 2020, p.79.



crenças, a partir de um sistema de valores que produz um elo de identificação entre a coletividade.

O fio condutor deste trabalho é a figura do sagrado inserido na mentalidade coletiva dos medievais na época da Primeira Cruzada. De acordo com a medievalista Renata Cristina de Sousa Nascimento "o universo simbólico medieval era permeado pela presença constante da espiritualidade, e da perspectiva do sagrado enquanto fator essencial na formação de significados e sensibilidades"[21]. Partindo dessa perspectiva, não há como se discutir o imaginário coletivo medieval sem se discutir a religião, principalmente no que tange o aspecto do sagrado. A partir da narrativa de De Chartres (1059-1127) sobre o descobrimento da Lança Sagrada durante a Primeira Cruzada no século XI, evidenciou-se um sagrado manipulável e de veracidade questionável, sendo objeto de conflitos aristocráticos. O sagrado durante a primeira cruzada foi objeto de poder que objetivou a dominação social, religiosa e política dos exércitos francos e que ao mesmo tempo cedeu à pressão da massa popular que necessitava de ajuda concreta no momento de desespero, evidenciando assim, diferenças sociais em torno do sobrenatural. Neste ponto, podemos afirmar que, independentemente das reais intenções por detrás dos discursos sobre o sagrado e independente da veracidade deles, a dominação coletiva pelos detentores de poder só ocorria efetivamente com a adesão popular. Era necessário que as imagens do sagrado fossem imprescindíveis no contexto social e fizessem sentido à coletividade. Por isso, era comum que o sagrado fosse evocado em épocas de crises.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que a crença social surge num contexto propício e diante de uma situação específica que faça sentido. Ao mesmo tempo, as crenças coletivas se mantêm em locais onde o imaginário político e religioso é usado pelas classes dominantes. Nota-se que mesmo com as dúvidas sobre a veracidade da santa lança, a tropa cruzadista a venera e a glorifica como legítima relíquia apoiados por uma figura de

[21]NASCIMENTO, Renata C.S. Os Sentidos do Sagrado no Ocidente Medieval. Emoções, Devoções e culto às Relíquias Cristãs. Curitiba: Editora CRV, 2023, p.27.



poder, Raimundo de Saint-Gilles (1045-1105). Por isso, o imaginário coletivo é objeto de dominação social e consequentemente, de disputas aristocráticas.

Variados sentidos foram atribuídos ao sagrado, modificando-o no tempo e no espaço. O sagrado estava intimamente ligado ao poder, sendo utilizado para legitimar, perpetuar ou proibir práticas e crenças. Em contrapartida, e como se pôde ver no decorrer do presente texto, a pressão social era capaz de modificar os sentidos e significados atribuídos a figura do sagrado. Essa manipulação do sagrado ocorria entre a continuidade do passado com o presente criada a partir de uma memória produzida na coletividade acerca de um passado sublime forjado para legitimar a narrativa política e criar uma identidade social. Essa memória se inseria no contexto do imaginário evoluindo e proliferando mecanismos complexos.

Referências

ÁLVAREZ, Maria Raquel Alonso.; NASCIMENTO, Renata C.S. *A Sacralização do Espaço Ibérico: Vivências Religiosas na Idade Média*. Curitiba: Editora CRV, 2020.
CHARTRES, Foucher de. *A 1º Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. São Paulo: INQUERITO, 2003.
FLORI, Jean. *A Cavalaria*: A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.
FLORI, Jean. *Guerra Santa: Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente.* São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
FLORI, Jean. *Pedro el Eremitaño y el origen de las Cruzadas*. Barcelona: edhasa, 2006.
FRANCO Jr., Hilário. *As Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2016.
LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
LE GOFF, Jacques. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa, Portugal: Lugar da História, 2020
HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003
MELLO, José Roberto. *As Cruzadas*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. *Os Sentidos do Sagrado no Ocidente Medieval. Emoções, Devoções e culto às Relíquias Cristãs*. Curitiba: Editora CRV, 2023
NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa.; SILVA, Paulo Duarte. *Relíquias e Peregrinações na Idade Média, In: Ensaios de História Medieval: Temas que se renovam*. Curitiba: Editora CRV, 2019.



OLDENBOURG, Zoé. *As Cruzadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RILEY-SMITH, Jonathan. *As Cruzadas: Uma História*. Campinas- SP: Ecclesiae, 1ª ed, 2019.

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas. A Primeira Cruzada e a Fundação do Reino de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002

RUST, Leandro Duarte. *Bispos Guerreiros: violência e fé antes das cruzadas.* 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

TYERMAN, Cristopher. *A Guerra de Deus. Uma nova história das cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2010.